

ISSN 0103-6866

DAPHNE

REVISTA DO HERBÁRIO PAMG

EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DE MINAS GERAIS



v.2 – n.2 – jan. 1992

DAPHNE – Revista do Herbário PAMG/EPAMIG – é uma publicação trimestral da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais – EPAMIG, e tem como objetivos divulgar e difundir o conhecimento científico inédito nas áreas de botânica, que versem sobre assuntos relacionados à flora do estado de Minas Gerais.

A distribuição a instituições será feita mediante permuta de publicações afins, sendo que aquelas que não tenham publicações ativas poderão obter a Revista através de assinatura.

As publicações recebidas por permuta ficarão na Biblioteca do PAMG/EPAMIG.

A revista DAPHNE aceita artigos de outros autores e/ou instituições, desde que seguidas as normas constantes no final da Revista.

Correspondência para o Herbário PAMG/EPAMIG – Av. Amazonas, 115 – Caixa Postal 515 - CEP 30188 Belo Horizonte, MG.

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Governador: Hélio Carvalho Garcia

SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO

Secretário: Alysson Paulinelli

EPAMIG – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais

Diretoria:

Mário Ramos Vilela – Presidente
Marcelo Franco – Superintendente de Administração e Finanças
Gabriel Ferreira Bartholo – Superintendente de Pesquisa e Operações

Comissão Editorial – Revista Daphne:

Octávio Almeida Drummond – EPAMIG-BH
Mítzi Brandão – EPAMIG-BH
Julio Pedro Laca-Buendia – EPAMIG-BH
Heloisa Mattana Saturnino – EPAMIG-BH
Elsie Franklin Guimarães – Jardim Botânico-RJ
Manuel Losada Gavilanes – ESAL – Lavras, MG
Uebi Jorge Naime – EMBRAPA-BH

Editor: Geraldo Magela Carozzi de Miranda

Editores Assistentes: Samuel Guimarães Vargas e Vicente Paulo dos Anjos

Revisão Lingüística e Gráfica: Maria Lourdes de Aguiar Machado, Marlene A. Ribeiro Gomide, Rosely Aparecida Ribeiro Battista, Teresa Cristina Pessoa Brandão

Revisão Inglês/Latim: Octávio Almeida Drummond

Revisão Bibliográfica: Fátima Rocha Gomes, Maria Lúcia de Melo

Arte: Euler França do Nascimento – Montagem: Reinaldo Maia Valério

Composição: Dulce de Melo Oliveira, Maria Alice Vieira, Maria de Fátima Ferreira, Rosangela Maria Mota Ennes

Daphne: revista do Herbário PAMG da EPAMIG. –
v.2, n.2 – (jan. 1992) –
Belo Horizonte: EPAMIG, 1992 –
v.: il.

Trimestral
ISSN 0103-6866

1. Botânica-Periódico. I. EPAMIG.

CDD:581.05

DAPHNE

Filha da deusa Terra, Daphne era uma ninfa grega de grande beleza, que perambulava alegre pelos bosques. Um dia, Apolo, deus do sol, sentindo-se atraído pela formosura da ninfa, passou a persegui-la. Daphne fugiu do assédio do deus e correu desesperadamente, pedindo socorro.

Porém, a deusa Terra, apiedando-se da jovem Daphne, abriu uma grande fenda no caminho de sua fuga. A ninfa, então, desapareceu no ventre de sua mãe, para a tristeza de Apolo.

No lugar onde a ninfa caiu, nasceu um loureiro, que, através de uma coroa feita com suas folhas, passou a servir para marcar os feitos heróicos dos gregos.

Assim, como Daphne representa uma planta que ressurge do seio de sua mãe Terra, emprestando os seus ramos para a coroação dos vitoriosos, a nossa Revista pretende estimular o estudo e, conseqüentemente, o respeito pelas nossas plantas, tão drasticamente erradicadas, no intuito de conscientizar e resgatar o pouco que resta de nossa flora.

APRESENTAÇÃO

É inegável que a opinião pública mundial assumiu, atualmente, uma atitude crítica diante do papel da Ciência no desenvolvimento dos povos. Esse questionamento advém da percepção, não de todo incorreta, de que os produtos gerados pela Ciência, especialmente alguns deles, são extremamente nocivos à vida. Basta lembrar, para verificar isso, os artefatos nucleares, capazes de destruir o planeta várias vezes.

Além disso, associa-se a destruição do meio ambiente a uma certa racionalidade que visa apenas o lucro fácil, a depreciação dos recursos naturais em favor de um certo hedonismo cego, que não percebe que a abundância de hoje é a condição da escassez de amanhã.

Portanto, parece fácil encontrar na Ciência, senão a grande vilã, pelo menos uma grande aliada na desastrosa tarefa da destruição do planeta. Esse caminho, embora fácil e aparentemente coerente, encerra, porém, uma cegueira maior e mais perversa.

Todos os bens, materiais e espirituais, da civilização foram conquistados pelo engenho racional e sensitivo dos homens. No início, eles progrediam através de demoradas experiências do tipo tentativas erro/acerto, ao acaso. Posteriormente, eles sistematizaram, também num longo aprendizado, seus instrumentos de conhecimento. Pretender que toda essa trajetória ocorresse sem qualquer desvio, sem qualquer tirania, talvez fosse desejar uma história não de homens, mas de anjos.

Dessa forma, a Ciência, como qualquer outra atividade humana, pode redundar no bem ou no mal. O desafio não está na condenação dessa ou daquela atividade, mas na construção de sistemas que possam, com eficácia, controlar tais atividades, dirigindo-as para a construção do bem comum.

É assim que a EPAMIG saúda a realização do evento 'Green Press', que compõe a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente. O diálogo franco e aberto é o caminho privilegiado para que os interesses possam ser clareados, o conhecimento da realidade possa ser aprimorado e as ações adequadas possam ser postas em prática.

Nesse contexto, é possível discutir e avançar no sentido de compreender o papel crucial da ciência para o desenvolvimento equilibrado da civilização, ato que inclui, inescapavelmente, problemas como a emissão de gás estufa na atmosfera, a poluição industrial em geral, a miséria de amplas populações da Terra, a destruição das matas, dos rios, nascentes etc.

A Ciência, e, por conseqüência, a pesquisa, aliada ainda a outras instâncias organizadoras da sociedade, tem um papel relevante a cumprir nesse momento, que é o de encontrar, produzir e gerar soluções e tecnologias capazes de promover o bem-estar dos homens preservando seu 'habitat' da destruição.

Dessa forma, a EPAMIG coloca à disposição do público mais uma edição da revista DAPHNE, especialmente produzida para o 'Green Press', que trata da cobertura florística da Região Metropolitana de Belo Horizonte, seus frutos e plantas medicinais.

MÁRIO RAMOS VILELA
Presidente da EPAMIG

AUTORES

João Faria Macedo

Biólogo/EPAMIG – Caixa Postal 515 – CEP 30188-902 Belo Horizonte, MG.

Julio Pedro Laca-Buendia

Eng^o Agr^o, M.Sc. – Pesq./EPAMIG – Caixa Postal 515 – CEP 30188-902 Belo Horizonte, MG.

Manuel Losada Gavilanes

Biólogo, M.Sc. – Prof. Botânica/ESAL – Caixa Postal 37 – CEP 37200-000 Lavras, MG.

Mauro Grossi Araújo

Geólogo, Geologia/Morfologia – Tellus Projetos Ambientais Ltda. – Av. Brasil, 283/sala 1.303 – CEP 30140-000 Belo Horizonte, MG.

Mítzi Brandão

Botânica, M.Sc., – Taxonomia Vegetal – Pesq./EPAMIG – Bolsista CNPq – Caixa Postal 515 – CEP 30188-902 Belo Horizonte, MG.

Pio veríssimo da Silva Filho

Biólogo, B.S. – Pesq./EPAMIG – Caixa Postal 515 – CEP 30188-902 Belo Horizonte, MG.

Rodrigo Pires Ramos

Méd. Veterinário – Tellus Projetos Ambientais Ltda. – Av. Brasil, 283/sala 1.303 – CEP 30140-000 Belo Horizonte, MG.

SUMÁRIO

Cobertura Vegetal do Município de Belo Horizonte, MG Mízi Brandão, Mauro Grossi Araújo	5
Caracterização Geomorfológica, Climática, Florística e Faunística da Serra do Curral em Belo Horizonte, MG Mízi Brandão, Mauro Grossi Araújo, Rodrigo Pires Ramos, Manuel Losada Gavilanes, Julio Pedro Laca-Buendia, João Faria Macedo, Pio Veríssimo da Silva Filho	13
Plantas Medicamentosas de Uso Popular Coletadas e Comercializadas na Região Metropolitana de Belo Horizonte, MG Pio Veríssimo da Silva Filho, Mízi Brandão	39
Frutos Brasileiros Comercializados na Região Metropolitana de Belo Horizonte, MG João Faria Macedo	53

SUMÁRIO: São tecidas algumas considerações sobre a cobertura vegetal do município de Belo Horizonte-MG, baseadas nas formações remanescentes e no material botânico colhido em décadas passadas, depositado nos Herbários RB (Rio de Janeiro), OUPR (Ouro Preto), PAMG (EPAMIG) e MHBH (UFMG, Belo Horizonte).

SUMMARY: A survey is presented of the species of the native vegetation of Belo Horizonte county where the city-capital of the state of Minas Gerais, Brasil, is presently situated.

The mentioned species were observed "in loco" or found in several herbaria which have been organized during the last decades. The surveyed plants belong to different forest formations like pluvial tropical ciliar, and seasonal mesophylla forests: savannah different types of prairies; mire and bog formations and anthropic growths. The expansion of the city is naturally diminishing the native flora of the region but some state parks in the town have been created and preserved to correct this kind of pollution.

INTRODUÇÃO

O município de Belo Horizonte ocupa uma área de 335 km², localizando-se, aproximadamente, nas seguintes coordenadas: latitude - 19°49'01", longitude - 43°57'23" e altitude - 858,3m.

Estendendo-se em uma paisagem que agrega diferentes aspectos, Belo Horizonte insere-se em dois Domínios geomorfológicos: o quadrilátero ferrífero e a depressão periférica (PLAMBEL, 1984).

Com uma heterogeneidade geológica, pedológica, climática, topográfica e hidrográfica bem marcantes, essas diferenças resultam em variadas formações vegetais.

Conseqüentemente o uso e a ocupação da região geraram também impactos, cujas intensidades levam a tipos variáveis de problemas ambientais.

ASPECTOS GERAIS

O quadrilátero ferrífero, importante sítio mineral, ocupa a parcela sul/sudeste do município de Belo Horizonte. Nesta área, verificam-se as maiores altitudes (Pico Belo Horizonte, 1.340m) e as declividades mais acentuadas.

Geologicamente, o quadrilátero compõe-se de um pacote de metassedimentos alternados (quartzitos, filitos, dolomitos e itabiritos), complexamente dobrados, fraturados e falhados, que resulta em uma paisagem própria com vertentes íngremes, vales encaixados, cristas lineares e apicais.

Os solos das encostas e topos são rasos, pouco espes-

sos, correspondendo a uma fina camada superficial em contato direto com a rocha (Litosolos e Cambissolos). São ricos em concreções ferruginosas, resultantes da desagregação e do intemperismo químico (cangas). No fundo dos vales, os solos são mais espessos (B Textural ou Podzólicos), resultantes do material desagregado das partes mais elevadas.

A vegetação original expressava-se por formações campestres nas áreas de solos mais rasos (Cerrado, Campo Rupestre e Campo Limpo) e por formações florestais em solos mais profundos (Mata Pluvial e Cerradão).

A depressão periférica corresponde ao restante do município, e ocupa sua parte central, norte, leste e oeste, estendendo-se aos municípios vizinhos.

Neste local ocorrem os terrenos mais antigos, formados por rochas granito-gnássicos, bastante intemperizados. Predominam colinas policonvexas, de formas arredondadas, com vales amplos de fundo chato, na maioria das vezes entulhados por sedimentos silto-argilosos. Os solos são profundos, bem desenvolvidos (Latosolos, Podzólicos e Cambissolos), lixiviados e ácidos.

Na depressão periférica verifica-se a interpenetração de terrenos com 25% de declividade ou mais. A altitude média situa-se em torno de 850m. É uma região que apresenta grande susceptibilidade à erosão e a ocorrências de erosão.

Do ponto de vista urbano, a depressão periférica abriga a maior parte da mancha urbana, que avança com muita rapidez sobre suas colinas e entre seus vales planos. Em função disso, sua vegetação encontra-se no limite extremo de degrada-

¹ Aceito para publicação em outubro de 1991.

ção, restando apenas áreas esparsas da cobertura original, como mata do Isidoro (Tupi/Jardim Primavera), mata do Castelo, mata do Mosteiro, mata das Borboletas, mata da Baleia, mata do Cercadinho, Parque das Mangabeiras e outras manchas menores.

HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO DO MUNICÍPIO

O povoamento da área iniciou-se no século XVII com os bandeirantes que percorreram o Estado em busca de ouro e pedras preciosas. Pela sua posição em relação ao quadrilátero ferrífero, o então Arraial do Curral D'el Rey desenvolvia uma significativa atividade agrícola, servindo de centro produtor de alimentos para as cidades mineradoras.

O declínio da mineração do ouro liberou mão-de-obra que foi transferida para o setor agropecuário. Tal fato acentuou o desenvolvimento do Arraial, surgindo ainda diversos núcleos rurais na área.

Ouro Preto, por estar junto às áreas de mineração, decresceu de importância. Tornou-se necessária a mudança da capital para um local mais adequado.

A primeira condição a ser atendida para a localização da nova capital era a centralidade, no sentido de maior facilidade de comunicação com os diferentes centros de interesses políticos e econômicos do Estado (PLAMBEL, 1984).

Escolhido o Arraial do Curral D'el Rey, deu-se início à construção da nova cidade, à margem direita do ribeirão do Arrudas, em um relevo com declives suaves e contínuos.

Da época de sua inauguração até 1936, Belo Horizonte apresentou uma expansão urbana significativa, sobretudo nas áreas de topo. As faixas marginais aos cursos d'água continuaram desocupadas até a implantação de grandes obras públicas a partir da década de 50.

Essa forma de ocupação (de topo em topo) propiciou a incorporação de novas áreas cada vez mais distantes. A Serra do Curral representava uma barreira física natural à expansão urbana naquela direção, o que forçou a cidade a estender-se sobre a depressão periférica.

Ainda no final da década de 40, a agricultura ocupava várias áreas ao norte e sudeste do núcleo de Belo Horizonte. O curso do ribeirão Arrudas, as cabeceiras dos seus afluentes e a região da Pampulha (onde mais tarde surgiu a represa) permaneciam cultivados.

De maneira geral, a atividade agrícola era desenvolvida nas áreas com declividade suaves e nas várzeas em função dos solos mais férteis e da oferta de água.

A atividade mineradora restringia-se à parcela do quadrilátero ferrífero e a pequenos pontos de extração de argila, areia e pedra, destinadas à construção civil.

De 1936 a 1964 Belo Horizonte foi o município que apresentou o maior crescimento urbano no país (PLAMBEL, 1984). Nessa época a cidade já ocupava as regiões da Pampulha, Venda Nova e Barreiro. A implantação da Cidade Industrial fez com que a cidade passasse a ocupar áreas fisiograficamente pouco favoráveis. A expansão urbana, até então contínua, passa a ocorrer de forma bem mais esparsa.

A partir desse período, o fator "posição" sobrepõe o fator "sítio" para determinar a localização das áreas de expansão.

Isto reflete direta e acentuadamente na devastação da cobertura vegetal, na rápida ocupação das várzeas que compunham o cinturão hortigrangeiro e no comportamento dos ribeões Arrudas e Onça (Barbosa, 1967).

A mineração de ferro instalou-se na Serra do Curral através de vários e pequenos decretos de lavra. Acentuaram-se, então, os pontos de extração de materiais utilizados na construção civil, em função, do expressivo crescimento urbano.

De 1964 a 1977 observou-se a consolidação do crescimento da cidade em direção ao norte, coincidindo com a grande mancha predominante de declividade de 0 a 10% existente na depressão.

A cidade passou também a se expandir longitudinalmente na Serra do Curral, ocupando áreas de elevadas declividades, favorecendo a ocorrência de deslizamento das encostas e a degradação de importantes mananciais.

A contínua expansão da mancha urbana e das atividades minerais e industriais comprometia a cobertura vegetal de Belo Horizonte. Os remanescentes foram degradados pela retirada de madeira para a fabricação de lenha e cercas.

Acrescenta-se ainda que esses fatores, agregados às características naturais dos terrenos (tipos de solos, declividade, etc.), têm aumentado consideravelmente a degradação ambiental do município. Dessa forma grande quantidade de focos erosivos, assoreamento dos cursos d'água e destruição de nascentes são cada dia mais frequentes em Belo Horizonte.

MATERIAL E MÉTODOS

Examinaram-se as exsiccatas depositadas nos herbários do Rio de Janeiro (RB), de Ouro Preto (OUPR) e nos de Belo Horizonte (PAMG/EPAMIG, MHRB/UFMG).

Os limites do município foram percorridos para se verificar a distribuição das formações, através de seus remanescentes. O material botânico coletado foi listado e depositado no PAMG.

As listagens obtidas, quando do exame dos herbários, foram somadas àquela resultante de coletas feitas durante o decorrer dos anos de 1990-1991, dentro da área do município de Belo Horizonte, permitindo a descrição das formações originais e da sua composição florística. As serras do Curral e de Águas Claras foram visitadas para coletas não só dos remanescentes florestais, como também das matas do Castelo, do Isidoro, do Mosteiro, das Borboletas, da Baleia, do Cercadinho, como também do Parque das Mangabeiras.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A COBERTURA VEGETAL

Do ponto de vista vegetacional, o município de Belo Horizonte está incluso na área recoberta pelo Complexo de Brasil Central ou de Cerrado, próximo à faixa de transição entre este Domínio e aquela da mata.

Entretanto, dentro desse Complexo outras formações vegetais podem ocorrer como inclusões, como a Floresta Atlântica, a Floresta Estacional, o Cerradão ou Floresta Esclerófila, Comunidades hidrófilas e, ainda, áreas recobertas por Campo Limpo e Campo Rupestre, de acordo com Rizzini (1963).

Essas formações, em sua maioria, foram observadas no município de Belo Horizonte e naqueles que compõem a Grande Belo Horizonte, através de excursões e pesquisas em her-

bários, visto ser escassa a bibliografia encontrada.

Além das excursões feitas nos bairros à procura de remanescentes, foram nas pesquisas efetuadas nos herbários que se colheu uma grande parte dos dados que são veiculados no presente trabalho. Foram realizadas visitas aos herbários locais MHBH e o PAMG, e também ao de OUPR e ao do RB. Estes herbários guardam exsicatas colhidas na área em estudo.

Grande quantidade de material botânico foi colhido na área ocupada pela cidade de Belo Horizonte, antes da década de 50. Esse material está guardado, em sua maioria, no MHBH, herbário que se encontra no Museu de História Natural da UFMG. Outras informações puderam ser encontradas nos herbários da Escola de Farmácia de Ouro Preto e da Escola de Minas da mesma cidade. Hoje o material encontra-se reunido na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e foi colhido pelos botânicos Moacyr Lisboa e José Badini, grandes conhecedores da flora serrana mineira.

O PAMG, herbário da EPAMIG, guarda coletas desde 1973, compreendendo a cobertura da Cidade Nova, Dona Clara, Vila Clóris, Campo Alegre, Jardim Primavera, Pampulha, Belvedere, Mangabeiras, entre outros bairros em início de instalação naquela data, compreendendo plantas do Cerrado, Cerradão e Mata.

Como formações secundárias, os campos antrópicos e as capoeiras ocorrem também na área de Belo Horizonte, sendo os primeiros mais freqüentes dentro do núcleo urbano (terrenos abandonados) e as capoeiras, na base da Serra do Curral.

Segundo os conceitos de Rizzini (1963), as formações ocorrentes, distribuem-se em:

– Formações Florestais: Floresta Atlântica ou Floresta Tropical Pluvial (facies perenifólia-floresta de Galeria ou Ciliar e facies subperenifólia – Mata de Encosta); Floresta Mesófila Estacional; Floresta Esclerófila ou Cerradão;

– Formações Campestres: Cerrado, Cerrado/Campo-cerrado, Campo Rupestre e Campo Limpo;

– Comunidades Especiais: campo de várzea, mata de alagado;

– Formações Secundárias: Capoeiras; Campos Antrópicos.

a) Distribuição das Formações Vegetais

Dentro do município de Belo Horizonte a cobertura vegetal encontra-se extremamente devastada, mas, de acordo com os remanescentes visualizados, o Cerradão ocorreria sob a forma de manchas em direção a Sabará, aos bairros Tupi, Guarani, São Gabriel, transitando para a mata nas imediações do Córrego Isidoro (Granja Werneck). Essa formação chegaria ainda até as margens do Córrego do Onça, ao lado da Cachoeira da Usina.

Seguindo pela avenida Saramenha e tomando-se a avenida Cristiano Machado, na altura da entrada para Venda Nova, outra mancha florestal ocorre, provavelmente restos da mesma Mata Pluvial das margens do Ribeirão Isidoro, alcançando a Vila Clóris e o Campo Alegre, passando depois ao Cerrado.

Na parte mais alta do terreno do bairro Nova Pampulha,

outros pequenos capões confirmam a presença da Mata Pluvial, passando, quando do limite com Contagem, para o Cerradão e deste para o Cerrado seguindo município adentro.

Na Avenida Ressaca, nada mais resta a não ser Campos Antrópicos. A mata novamente reaparece junto ao Bairro Castelo, onde ainda ostenta uma bela área. Em direção ao bairro Ouro Preto, esta cede lugar ao Cerradão, passando para um Cerrado baixo, que, junto à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), transita para área muito conturbada, descharacterizada pela introdução de essências exóticas, tendo como base árvores da formação Cerrado.

Em direção ao Barreiro, ocorre novamente a mata Pluvial, que transita para o Cerrado de um lado e para o Cerradão de outro, em direção ao bairro Betânia, e deste para o Cerrado, subindo as encostas da Serra do Curral, onde passa ao Campo Limpo e Rupestre.

Outra mancha florestal encontra-se representada pela Mata do Cercadinho, já na base da Serra do Curral. Mais adiante, ocorrem as manchas do Parque das Mangabeiras, do Mosteiro, das Borboletas e a da Baleia, todas bastante pobres em espécies, ostentando, praticamente a mesma composição florística.

Áreas encaixadas de Campos de Várzeas, em sua maioria invadidas pela ocupação humana, podem ser vistas. Geralmente ocorrem nestas áreas duas espécies subspontâneas bem conhecidas, como o bastão de São José ou maria-zinha (*Hedychium coronarium* Koenig), e a taboa ou enche-travesseiros (*Typha angustifolia* L.).

Da base da Serra do Curral, em direção montanha acima, áreas de Campo-cerrado, Campo Limpo e Campo Rupestre sucedem-se, alternando-se de acordo com a maior ou menor profundidade dos solos.

Em direção a Sete Lagoas, o Cerrado ostenta a sua dominância, o mesmo ocorrendo na saída para Betim.

Em direção a Ouro Preto e a Nova Lima, as manchas florestais vão se intensificando, interrompidas por áreas de Campo Limpo e Campo Rupestre. Já na saída para Matozinhos e Santa Luzia ocorrem capões pequenos da Mata Mesófila, evidenciando-se a ocorrência de calcários, intercalada pelos Cerradões e Cerrados.

b) Formações Ocorrentes no Município de Belo Horizonte

– Formações Florestais (Floresta Atlântica, Floresta Mesófila Estacional e Floresta Esclerófila (Cerradão)

• Floresta Atlântica (Facies Perenifólia e Subperenifólia)

Facies Perenifólia (Mata Ciliar ou de Galeria)

Ocupando outrora, praticamente, os terraços inferiores junto aos córregos locais, e hoje, limitando-se à pestana estreita ou alargada que acompanha sempre as margens dos cursos d'água, a Floresta Atlântica constitui um prolongamento natural de mata Atlântica, através do Planalto Central (Rizzini, 1963). Essa formação apresenta árvores de porte alto entre 20-25m, nos locais onde houve pouca intervenção antrópica, caindo para 8-12m, onde ela foi mais intensa.

Nesses locais, mais ou menos preservados, podem ser

encontrados com abundância exemplares do "jatobá da mata" *Hymenaea stilbocarpa* Hayne; do "potumuju" *Centrolobium tomentosum* Benth; do "itapicuru" *Callisthene major* Mart. e, em menores proporções, outras espécies, como: "Canjerana" *Cabralea canjerana* Sald.; "ipê amarelo" *Tabebuia serratifolia* (Vahl.) Nichols; "ipê roxo" *Tabebuia impetiginosa* (Mart.) Standl.; "laranja do mato" *Metrodorea pubescens* St. Hil.; "vinhático" *Platymenia foliolosa* Benth.; "garapa" *Apuleia leiocarpa* Mart.; "olho-de-cobra" *Ormosia fastigiata* Tul.; "cambu" *Peltophorum dubium* Benth.; "angelim" *Lonchocarpus sericeus*; "guatambu" *Aspidosperma olivaceum* M. Arg.; "ingá" *Inga affinis* D.C.; "jequitibá" *Cariniana* sp.

Compondo o estrato arbóreo inferior, são encontrados: "ingá" *Inga marginata* Willd.; "mamica de porca" *Zanthoxylum rhoifolium* Engl.; "limãozinho" *Maytenus ilicifolia* Mart.; "mutamba" *Guazuma crinita*; "cascuda" *Symplocos platyphylla* Benth.; "saco de boi" *Swartzia multijuga* Vog.; "folha grande" *Bathysa australis* Hook; "ingá" *Inga fagifolia* Willd.; "chuva de ouro" *Cassia macranthera* Benth.; "açoita-cavalo" *Luehea divaricata* Mart.; "chichá" *Sterculia striata*; "madeira nova" *Platypodium elegans* Vog.; "capitão-do-mato" *Terminalia hylobates* Eickl; "carne-de-vaca" *Protium heptaplyllum*, (Aubl.) March. etc. (Rizzini, 1971ab, Brandão et al., 1991 e Brandão; Gavilanes, 1990).

No estrato imediatamente inferior, com arvoretas, arbustos eretos e escandentes, mostram-se freqüentes: "aroeirinha" *Schinus terebinthifolius* Radlk.; "unha-de-vaca" *Bauhinia forficata*; "crista-de-galo" *Erythrina crista-galli*; "joazeiro" *Celtis brasiliensis*; "caapeba" *Pothomorphe umbellata*; "cipo-de-macaco" *Bauhinia scandens*; "coroa-de-cristo" *Basanacantha spinosa*; "borboleta" *Banisteria pubipetala* Juss.; "língu" *Mascagnia cordifolia* Juss.; "cabeluda" *Miconia albicans* (SW.) Tr.; "maria branca" *Rollinia sylvatica* (St. Hil.) Mart.; "pimentado-mato" *Piper angustifolium*; "espinhenta" *Zollernia ilicifolia* Vog.

São freqüentes as trepadeiras dos gêneros *Herreria*, *Calonyction*, *Ipomoea*, *Merremia*, *Stigmatophyllum*, *Canavalia*, *Pithecoctenium*, *Mucuna*, etc.

Epfitas raras, como *Acanthostachys strobilacea* Kl. e espécies dos gêneros *Bromelia*, *Vriesia*, *Aechmea*, *Tillandsia*, *Epidendrum*, *Cyrtopodium*, *Catasetum*, *Rhipsalis*, *Peperonia*, *Asplenium*, *Polypodium*, etc. podem ser vistas com certa freqüência.

O estrato herbáceo é composto de espécies pertencentes aos gêneros *Scleria*, *Bastardia*, *Calathea*, *Lindsaya*, *Gomphrena*, *Justicia*, *Staurostigma*, *Begonia*, *Commelina*, *Palicourea*, etc.

Na orla da mata mostram-se freqüentes *Croton urucurana* Baill "sangue-de-drago"; *Petraea volubilis* Schauer. "a viuvinha"; *Cestrum axillare* Vell. "coerana"; *Solanum paniculatum* L. "jurubeba"; *Acnistus cauliflorus* "fruta-de-papagaio"; *Acrocomia sclerocarpa* (Mart.) Loddigeo "macaúba", dentre outras.

Ocorrem em Belo Horizonte – Municípios da Grande Belo Horizonte.

Fáceis subperenifolia (Mata de Encosta)

Formação florestal de origem idêntica à anterior e que a sucede nos terraços mais altos ao longo das vias fluviais lo-

cais.

Apresenta porte mais alto, quando acompanha as ravinas, decrescendo à medida que galga as encostas. Nesses locais mais sombrios e úmidos, o estrato herbáceo-arbustivo mostra-se mais denso e variado, apresentando inúmeras aráceas, rubiáceas, pteridófilas, etc. A composição florística assemelha-se àquela da Mata Atlântica, perdendo entretanto algumas espécies mais exigentes em água, mas ganhando outros elementos provenientes das matas secas, como: *Copaifera langsdorfii* Desf. "óleo vermelho"; *Astronium fraxinifolium* Schott. "gonçalo alves"; *Dilodendron bipinnatum* Radlk.; *Cedrella fissilis* Vell. "cedro"; *Adenanthera macrocarpa* (Benth.) Brena, "angico", etc.

São freqüentes as trepadeiras dos gêneros *Serjanea*, *Mikania*, *Arrabidaea*, *Canavalia*, *Cissus*, etc. Arbustos como *Bauhinia angulosa* Vog.; *Bauhinia rubiginosa* Bong.; *Palicourea marcgravi* St. Hil.; *Palicourea noxia* e espécies dos gêneros *Costus*, *Siparuna*, *Cestrum*, *Manihot*, *Piper*, *Solanum*, *Palicourea*, etc., compõem o sub-bosque, que se mostra intrincado e denso ao longo das ravinas.

A presença de *Lygodium volubilis*, como também de *Bignonia unguicatis*, de *Pithecoctenium uncinatum* e de *Serjanea gracilis* por entre as copas é uma constante.

No estrato herbáceo são freqüentemente encontrados representantes dos gêneros *Scleria*, *Oplismenus*, *Lindsaya*, *Polypodium*, *Anemia*, *Adiantum*, *Staurostigma*, *Philodendron*, *Beloperone*, *Commelina*, *Dorstenia*, *Piper*, *Calathea*, *Habenaria*, *Adiantum*, *Blechnum*.

Epfitas dos gêneros *Bromelia*, *Tillandsia*, *Catasetum*, *Oncidium*, *Rhipsalis*, *Aechmea*, *Vriesia*, *Peperonia* etc. aglomeram-se nos troncos mortos e naqueles vivos das árvores que se posicionam ao longo dos vales estreitos, cortados por pequenas correntes d'água.

Estas espécies ocorrem nos Municípios de Belo Horizonte e do entorno.

● Floresta Mesófila Estacional

Trata-se de uma floresta pouco representativa na área, situada em posições mais altas do relevo, mostrando-se bastante devastada em seus locais de ocorrência e, muitas vezes, reduzindo-se a capões ou então visualizados por esparsos espécimes remanescentes.

Entram na sua composição florística as espécies: "óleo vermelho" *Copaifera langsdorfii* Desf.; "itapicuru" *Callistene major* Mart.; "candiuba" *Trema micrantha* (L.) Blume; "cedro" *Cedrela fissilis* Vell.; "canudo de pito" *Mabea fistulifera*; "culhão de bode" *Swartzia macrostachys* Benth.; "açoita-cavalo" *Luehea grandiflora* Mart.; "azeitona" *Vitex sellowiana* Cham.; "caroba" *Jacaranda brasiliana* Pers.; "carne de vaca" *Protium almecega* March.; "jacaré" *Piptadenia gonoacantha*; "pau de jangada" *Apeipa tibourbou* Aubl.; "jacarandá" *Machaerium scleroxylon* Tul; "faveiro" *Cenostigma gardnerianum* Tul; "sucupira" *Bowdichia virgilioides* H.B.K.; "chuva-de-ouro" *Senna ferruginosa* (Schrad.) Irwin et Barnaby, *Chorisia speciosa* St. Hil., "angico" *Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenan; "gonçalo alves" *Astronium fraxinifolium* Schott., *Dilodendron bipinnatum* Radlk, dentre outras.

São freqüentes trepadeiras, como: "unha-de-gato" *Bignonia unguis-cati*; "são João" *Pyrostegia venusta*; "olho-de-boi" *Mucuna pruriens*; "abre-caminho" *Lygodium volubilis*; "pente-de-macaco" *Pithecoctenium echinatum*; "cipó-ipê" *Cremastrus pulcher* e outras espécies pertencentes aos gêneros *Serjanea*, *Canavalia*, *Merremia* e *Ipomoea*. São raras as epfitas, sendo mais freqüentes as espécies do gênero *Tillandsia*.

Essa formação apresenta facies distintas, a saber: subperenifolia e caducifolia, dependendo de sua posição no relevo e de sua maior ou menor disponibilidade de água.

A facies caducifolia apresenta um número reduzido de exemplares arbóreos, com parcial ou total caducidade daqueles, no final do período estival.

No estrato arbóreo são encontradas as espécies: "paineira" *Chorisia speciosa* St. Hil.; "pau-de-jangada" *Apeiba tiboubou* Aubl.; "jacaré" *Piptadenia communis* Benth.; "mamica-de-porco" *Fagara rhoifolia* Engl.; *Ficus* sp., etc, entre outras. Exemplares de *Peireskia aculeata* Will.; *Anthurium variabilis* Kunth.; *Encholirium spectabilis* Mart.; *Dasyphyllum sprengeliana*; *Urera baccifera* (L.) Naud.; *Opuntia monacantha* Harwort, *Ananas annasoides* (Baker) Smith, e de outras espécies dos gêneros *Cereus*, *Hippeastrum*, *Pilea*, *Bromelia*, *Tillandsia*, *Peperonia*, etc. aparecem recobrimo as partes nuas dos afloramentos. Trepadeiras dos gêneros *Cissus* *Oxypetalum*, dentre outras, ocorrem esporadicamente.

Ocorrem no municípios de entorno.

● Floresta Escleromorfa (Cerradão)

Esta formação vegetal é bem definida pela sua composição florística, transitando na área para a mata subcaducifolia de um lado e para o cerrado denso por outro lado. Limita-se a faixas estreitas, visualizadas pela sua composição, sendo pouco distinta na sua delimitação com as formações adjacentes. O estrato arbóreo mostra-se denso, com árvores de fustes eretos e de cascas grossas. O sub-bosque mostra-se bem representativo, com poucas lianas e epfitas. No seu estrato arbóreo, que oscila entre 8-12m, são encontrados: *Bowdichia virgilioides* H.B.K. "sucupira"; *Eugenia dysenterica* D.C. "cagaíta"; *Astronium fraxinifolium* Chott. "gonçalo alves"; *Terminalia argentea* Mart. et Zucc. "capitão"; *Platymenia reticulata* Benth. "vinhático"; *Sclerolobium aureum* (Tul.) Benth. "pau-fedorento"; *Diospyros hispida* D.C. var. *camporum* Warm.; "caqui-bravo" *Aspidosperma tomentosum* Mart. "pereiro"; *Caryocar brasiliensis* Camb. "pequi"; *Virola sebifera* Aubl. "se-bosa"; *Symplocos lanceolata* DC.; *Dalbergia violacea* (Vog.) Walme "caviúna"; *Xylopia aromatica* (Lam.) Mart. "pimenta-de-macaco"; *Didymopanax macrocarpum* (Cham. et Sch.) Seem. "mandiocão"; *Luehea rufescens* St. Hil. "açoita-cavalo"; *Anadenanthera falcata* (Benth.) Brenan; "angico-do-campo"; *Styrax ferrugineus* (Nees et Mart.) D.C. "laranjinha"; *Ouratea castanaefolia* Engl. "castanheira"; *Annona crassiflora* Mart. "cabeça-de-negro", etc.

Formando estrato mais ou menos denso, ocorrem os arbustos: *Copaifera oblongifolia* Mart.; *Himatanthus obovata* (M. Arg.) Woods.; *Miconia albo-rufescens* Naud.; *Thieleodoxa lanceolata* (Hook.) Cham.; *Harpalyce brasiliensis* Benth.;

Tocoyena formosa (Cham. et Sch.) K. Schum.; *Mimosa adenocarpa* Benth.; *Bauhinia bongardi* Stend.; *Rudgea virbunioides* (Cham.) Benth., às vezes entremeados por exemplares de *Syagrus* sp.

Entre as trepadeiras são encontradas *Camptosema scarlatinum*, *Aristolochia arcuata*, *Rhynchosia minima*, *Banisteriopsis clauseniana*, *Lygodium volubilis*, *Herreria salsaparilha*,. Exemplares raros de *Dorstenia*, *Scleria*, *Mandevilla* podem ser vistos no estrato herbáceo.

Ocorrem em Belo Horizonte e municípios do entorno.

- Formações Campestres

● Cerrado

Formação freqüente na área em estudo, apresentando facies distintas ao nível de campo, de acordo com as variações de solos sobre as quais vegeta. Tais facies apresentam composição florística diversificada, separando-se não só pela freqüência e densidade de determinadas espécies, em detrimento de outras, como também pela altura dos estratos e densidade destes.

Nas áreas limítrofes com os municípios adjacentes ocorrem áreas esparsas de cerrado denso, com árvores muito próximas entre si, de fustes tortuosos, bastante esgalhadas, com copas densas e compactas e altura oscilando entre 4-6m. São raras as árvores emergentes. O estrato arbustivo apresenta-se denso, ostentando espécies de ambas as formações, sendo, entretanto, o herbáceo pouco significativo.

São freqüentes espécies típicas da formação Cerrado, concomitantemente, com espécies do Cerradão. Entre aqueles do Cerradão são citados: *Bowdichia virgilioides* H.B.K. "sucupira", *Sclerolobium paniculatum* Benth. "pau-fedorento", *Machaerium opacum* Vog. "jacarandá", *Platypodium elegans* Vog. "amendoim", *Caryocar brasiliense* Camb. "pequi", *Dalbergia violacea* (Vog.) Malme "caviúna", *Xylopia aromatica* (Lam.) Mart. "pimenta-de-macaco", *Didymopanax macrocarpum* (Cham. et Schl.) Seem. "mandiocão", *Luehea rufescens* St. Hil. "açoita-cavalo", conforme Rizzini (1971ab). Entretanto, nesse mesmo extrato estão presentes *Roupala montana* Aubl. "carne-de-vaca", *Aspidosperma tomentosum* Mart. "pereiro", *Bombax pubescens* Mart. et Zucc. "paina-do-cerrado", *Annona crassiflora* Mart. "cabeça-de-negro", "marolo", *Qualea grandiflora* Mart. "pau-terra-de-folha-larga". Segundo o mesmo autor, esses elementos são típicos de Cerrado. O estrato arbustivo mostra-se denso e variado, apresentando: *Campomanesia coerulea* Berg. "gabioba", *Cabralea polythrica* Juss. St. Hil. "cabelo-de-negro", *Jacaranda decurrens* Cham. "caroba", *Senna rugosa* (G. Don.) Irwin et Barnab. "fedegoso", *Clethra brasiliensis* Cham., *Byrsonima crassiflora* (L.) H.B.K. "murici", *Copaifera oblongifolia* Mart., "copaiba-anã", *Himatanthus obovata* (M. Arg.) Woods, *Kielmeyera corymbosa* (Spreng.) Mart., *Miconia albo-rufescens* Naud., *Pisonia tomentosa* Casar. etc., que são espécies freqüentes e típicas do Cerrado.

O estrato herbáceo é representado por espécies dos gêneros *Dorstenia* e *Scleria*. Como trepadeiras, apresentam-se espécies dos gêneros: *Lygodium*, *Discorea*, *Rhynchosia*, *Camptosema*, *Pyrostegia*, *Mucuna*, etc. Como epfitas, são en-

contrados apenas representantes do gênero *Tillandsia*.

Trata-se de formação ocorrente no município de Belo Horizonte e municípios do entorno.

Confrontando com a Mata Esclerofila (Cerradão) ou não, encontram-se áreas de cerrado bem típico, com estrato arbóreo entre 4-6m de altura, de arvoretas de fustes tortuosos, de cascas grossas e copas esgalhadas, misturadas a um estrato arbustivo/subarbustivo denso e rico em espécies, com trepadeiras ocasionais, raras epfitas e estrato herbáceo pobre.

A composição florística e a fitofisionomia dessa facies são bem distintas ao nível de campo daquela anterior. No estrato arbóreo são freqüentes as espécies: *Xylopia aromatica* (Lam.) Mart. "pimenta-de-macaco", *Cabranea polytricha* Juss. "cancerana", *Qualea parviflora* Mart. "pau-terra-de-folha-fina", *Aspidosperma dasycarpon* D.C. "pereiro", *Byrsonima coccolobifolia* Kunth. "murici", *Kielmeyera coriacea* (Spreng.) Mart. "corticeira", *Qualea grandiflora* Mart. "pau-terra-de-folha-larga", *Byrsonima verbascifolia* Juss. "murici", *Stryphnodendron barbatimao* Mart. "barbatimão", *Acosmium dasycarpon* (Benth.) "voadeira", *Curatella americana* L. "lixreira", *Tabebuia caraiba* (Mart.) Bur. "craibeira", *Ouratea castanaefolia* Engl. "castaneira", *Eugenia dysenterica* D.C. "cagaiteira", entre as mais freqüentes.

O estrato arbustivo mostra-se representativo, sendo denso, com ocorrência das espécies: *Anemopaegma arvense* (Vell.) Stelf. "catuaba", *Anacardium humile* St. Hil. "cajeiro", *Baccharis dracunculifolia* A.P.D.C. "alecrim", *Banisteria campestris* Juss. "borboleta", *Campomanesia coerulea* Berg. "gabirola", *Brosimum gaudichaudii* Tréc. "mamica-de-cadela", *Cassia trichopoda* "chuva-de-ouro", *Cassia chartacea* Irwin. "espetada", *Erythroxylum campestris* St. Hil. e *Erythroxylum suberosum* St. Hil. "cabelos-de-negro", *Miconia albicans* (Sw.) Tr., *Maprounea brasiliensis* St. Hil. "mamoninha", *Ouratea spectabilis* (Mart.) Engl., *Psidium firmum* Berg. "goiaba-do-campo", *Tocoyena brasiliensis* Mart. "marmelada-de-cachorro", *Vernonia bardanoides* Less., *Vernonia scorpioides* Less., *Vernonia bupleurifolia* (Schultz.) Bip., *Vernonia obtusata* Less., *Vernonia polyanthes* Less. "roxinhas", entre as mais freqüentes.

Trepadeiras como *Pyrostegia venusta* Miers. "cipó-de-são-jão", *Banisteria argyrophylla* Juss. "borboleta", *Banisteria clauseniana* Juss. "chuva-de-ouro", *Camptosema scarlatinum* Benth. "bico-de-pato", *Rhynchosia minima* L. "favinha" ocorrem esparsadamente.

Gramíneas dos gêneros *Echinolaena*, *Paspalum*, *Panicum*, *Aristida*, *Mesosetum*, *Axonopus* podem ser encontradas.

Na área estudada, o *Melinis minutiflora* (L.) Beauv. "capim-gordura" mostra-se como invasor típico. Ervas dos gêneros *Galphimia*, *Dorstenia*, *Mandevilla*, *Scleria* ocorrem esporadicamente; epfitas raríssimas, quase sempre do gênero *Tillandsia*. Alguns líquens e pteridófitas são também raros.

● Cerrado/Campo Cerrado

Nessas facies as árvores mostram-se mais esparsas, havendo predominância do estrato arbustivo/subarbustivo sobre o arbóreo.

São dominantes entre o elemento arbóreo: *Hyptis cana*

Pohl. "roxinha", *Curatella americana* L. "lixreira", *Salvertia convallariodora* St. Hil. "bate-caixa", *Qualea cordata* Mart. "pau-terra", *Vochysia rufa* "pau-gomoso", *Piptocarpha rotundifolia* (Less.) Baker. "cartucheira", *Stryphnodendron barbatimao* Mart. "barbatimão", *Sclerolobium paniculatum* Benth. "pau-fedorento", entre os mais freqüentes.

Compondo o estrato arbustivo, encontram-se: *Arrabidaea brachypoda* (D.C.) Burs. & Schl., *Baccharis minutiflora* Mart., *Baccharis dracunculifolia* A.P. DC. "alecrins", *Banisteria campestris* Juss., *Casearia sylvestris* Juss. "língua-de-teiú", *Cochlospermum regium* (Mart. et Schr.) Pilger "algodão-do-campo", *Davilla rugosa* Poir. "cipó-caboclo", *Byrsonima basiloba* Juss. "murici", *Erythroxylum campestris* St. Hil. "cabelo-de-negro", *Helicteris sacarolha* St. Hil. "saca-rolha", *Kielmeyera corymbosa* (Spr.) Mart., *Lippia lupulina* Cham., "pé-de-pombo", *Hyptis coccinea* Mart. "roxinha", *Palicourea rigida* H.B.K. "folha-dura", *Pterandra pyroidea* Juss., *Psidium firmum* Mart. "goiaba-do-campo", *Sabicea cana* Hook. "sangue-de-cristo", *Vernonia obtusata* Less., *Vernonia bardanoides* Less. etc. Entre as trepadeiras mais freqüentes, citam-se *Banisteriopsis clauseniana* (Juss.) And. Gates, *Serjanea gracilis*, *Cissus campestris* Baker. etc. Estrato gramíneo denso, como *Croton*, *Inga*, etc. e arbustos dos gêneros *Clidemia*, *Croton*, *Sapium*, etc. (Ferreira, 1980, Gavilanes; Brandão, 1991 e Rizzini, 1971a, 1975).

Estas espécies são encontradas em Belo Horizonte (seras) e municípios do entorno.

● Campo Rupestre

No município de Belo Horizonte essa formação ocupa a parte mais alta das elevações sobre solos litólicos, canga late-rítica e canga ferruginosa (Serra do Curral e Águas Claras).

O elemento arbóreo mostra-se raro, sendo de pequeno porte, representado pelo boleiro *Eremanthus incanus* (Schultz-Bip.) DC, pelas candeiras *Vanillosmopsis arborea* (Gardn.) Baker, *Vanillosmopsis erythropappa* (DC.) Schultz-Bip., *Vanillosmopsis polycephala* (DC.) Schultz-Bip., pela quaresmeira *Tibouchina canescens* Cogn. e por inúmeros arbustos e ervas, como: *Bauhinia rufa* Steud., *Marcetia fastigiata* Cogn., *Vellozia compacta* Mart., *Lychnophora ericoides* Mart., murici *Byrsonima intermedia* Juss., gervões *Starchytarphetta glabra* Cham. e *Starchytarphetta chamissonis* Mart.. No estrato gramíneo-herbáceo, encontram-se: *Vellozia graminea* Mart. e *Rhynchosia* sp., *Paepalanthus* sp., *Xyris graminosa* Pohl. et Mart., *Polygala timoutou* Aubl., *Monnima stenophylla* St. Hil., *Declieuxia cordigera* Mart. & Zucc. ex Schultes, *Cuphea ericoides* Cham. et Schul., *Cuphea linarioides* Cham. et Schl., *Spigelia orfesiana* Cham. et Schul., *Hyppeatrum* sp., *Bulbostylis capillaris* (L.) C.B. Clabe, etc.

Orchidáceas ligadas aos gêneros *Epidendron*, *Oncidium*, *Pleurotallis*, *Laelia*, etc. também estão presentes no Campo Rupestre.

Trepadeiras mostram-se raras, excetuando-se aquelas ligadas aos gêneros *Ditassa*, *Ipomoea*, *Merremia*, *Evolvulus*, *Passiflora*, *Oxypetalum*, entre outras (Brandão; Gavilanes, 1990 e Brandão et al., 1991).

Esta formação foi encontrada nos municípios de Belo Ho-

rizonte e Ibirité.

● Campo Limpo

O Campo Limpo sucede ao Cerrado/Campo Cerrado nas costas mais altas das serras, aparecendo em áreas contínuas ou sob forma de manchas. De modo geral apresenta-se como tapete graminoso-herbáceo interrompido aqui e ali por moitas de subarbusto e herbáceas.

Formando o tapete graminoso, são encontradas: *Aristida adscensionis* L., *Aristida pallens* Cav. (capins-finos), *Axonopus aureus* (H.B.K.) Beauv. (capim-barbicha), *Ctenium cyrrhosum* (Nees.) Kunth. (capim-clio), *Mesosetum ferrugineum* (Trin) Chase, entre os mais freqüentes, entremeados por plantas solitárias ou moitas de *Ruellia geminiflora* HBK., *Pfaffia jubata* Mart., *Alstroemeria campestre* Vell. e *Alstroemeria plantaginea* Naud., *Mandevilla erecta* (Vell.) Woods., *Mandevilla spigalaeflora* (Stadl.) Woods (maravilhas), *Jacaranda paucifoliata* Mart. et DC. (caroba), *Achyrocline capitata* DC. (macela), *Aspilia elliptica* DC., *Aspilia foliacea* Baker (margaridinha), *Baccharis aphylla* (Vell.) A.P. DC. (catuaba), *Baccharis intermixta* Gardn., *Calea rotundifolia* Gardn., *Ichthyothere cunabi* Mart. Lychn., *Rhynchospora aurea* Vahl. e *Rhynchospora consanguinea* (capim-navalha), *Croton campestre* M. Arg., *Croton geraensis* Wekter (velames), *Eriosema crinitum* (H.B.K.) Mey. e *Galactia rhynchosoides* St. Hil. (feijãozinhos), *Hyptis rotundifolia* Benth. e *Hyptis glomerata* Mart. (hortelãs), *Byrsonina subterranea* Brade & Marc. (municirasteiro), *Camarea affinis* St. Hil., *Camarea ericoides* St. Hil. (alfinetes), *Peixotoa tomentosa* Juss. (borboleta), *Microlicia martiana* Berg., *Polygala timoutou* Aubl., *Eryngium pristis* Cham. et Schl, entre outras.

Esta formação é encontrada nos municípios de Belo Horizonte e Ibirité.

– Comunidades Especiais

● Campo de Várzea

Situadas em vários pontos do município de Belo Horizonte e daqueles do entorno, circundando ou em continuidade às lagoas, com ou sem espelhos d'água, essas áreas apresentam uma formação graminoso-herbácea por excelência.

Dentre os raros arbustos, encontram-se: *Jussieua suffruticosa* L. "cruz-de-malta", *Jussieua nervosa* Poir., *Miconia cinerascens*, *Clidemia hirta* (L.) D. Don., *Hyptis lanceolata* Poir., *Lippia alba* (Mell.) Broen. Formando o tapete graminoso-herbáceo, ocorrem inúmeros representantes dos gêneros *Cyperus*, *Scleria*, *Fimbristylis*, *Eleocharis*, *Croton*, *Phyllanthus*, *Caperonia*, *Paspalum*, *Aristida*, *Chloris*, *Digitaria*, *Echinochloa*.

Na área de transição entre a água livre e a faixa de terra firme aparecem a *Typha domingensis* Kunth. "taboa", *Hedychium coronarium* Koeng. "lírio-do-brejo", *Coix lacryma-jobi* "conta de nossa senhora", *Echinodorus guianensis* "chapéu-de-couro", *Polygonum hidropoperoides* Mich., *Polygonum hispidum* HBK., *Polygonum spectabilis* Mart., *Polygonum acuminatum* H.B.K., *Polygonum hispidum* H.B.K. "ervas-de-bicho", *Pontederia cordata* L. "lanceta", etc. Na faixa livre podem ser encontradas *Pistia stratioides* "alface d'água",

Eichornea azurea Kunth. e *Eichornia crassipes* Solms. "aguapés".

● Mata de Alagado

Prolongando-se ao longo das costas mais baixas e confrontando com os campos de várzeas, existia outrora um tipo de mata perenifólia de alagado, típica do planalto central, geralmente ocorrendo em continuidade às veredas em alguns dos municípios da Grande Belo Horizonte. Essa formação mostra-se, quando estudada em outras áreas do Estado (EMBRAPA; EPAMIG, 1978), pobre em espécies, com porte não excedendo a 8m de altura. Suas espécies arbóreas suportam solos mal drenados.

Na área estudada, exemplares esparsos em alguns pontos das várzeas sugerem a presença dessa formação em épocas anteriores. Enquadrada por Rizzini (1963) entre as comunidades hidrófilas, apresenta no estrato arbóreo *Xylopia emarginata* "pindaíba", *Drymis winterii* "casca-d'anta", *Talauma ovata* "pinha-do-brejo", *Croton urucurana* "sangue-de-drago", além de outros exemplares (arbustos, trepadeiras, ervas), pertencentes aos gêneros *Tibouchina*, *Miconia*, *Sapium*, *Philodendron*, *Staurostigma*, *Cecropia*, *Myrcia*, *Rubus*, *Costus*, etc.

– Formações Secundárias

● Capoeiras

As capoeiras constituem manchas esparsas ao longo das faixas de matas ou dos cerradões, em continuidade a estas ou não.

Mostram-se dominantes as espécies *Trema micrantha* (L.) Blume "candiúba", *Solanum paniculatum* L. "jurubeba", *Cestrum axillare* Vell. "coerana", *Baccharis dracunculifolia* "alecrim", *Bauhinia forficata* L. "pata-de-vaca", *Vernonia polyanthes* Less. e *Vernonia ferruginea* Less. "assa-peixes", *Acrocomia sclerocarpa* (Mart.) Loddiges "macaúba", *Acacia plumosa* Lowe "arranha-gato", *Pterogyne nitens* Tul. "carne-de-vaca", *Luehea divaricata* Mart. "açoita-cavalo", etc.

O estrato arbustivo é relativamente denso, representado por mistura das espécies locais primitivas e plantas ruderais. Como trepadeiras, são encontradas *Pyrostegia venusta* Miers. "cipó-são-joão", *Rhynchosia minima* L. "favinha", *Oxypetalum banksii* "cipo-cabeludo", *Mikania cordifolia* "cipó-guaco".

● Campos Antrópicos

Nas áreas de baixadas, anteriormente ocupadas por formações florestais que foram derrubadas para a implantação de culturas em geral, surgem os campos denominados antrópicos, quando não mais sujeitos a cultivos racionais sistemáticos.

Nessas áreas em abandono, aparecem verdadeiros campos de produção de germoplasma daquelas planas consideradas como daninhas às culturas. Dependendo do tempo que

permanecem fora do uso, modifica-se a sua fitofisionomia.

Nos campos mais antigos, há dominância do *Panicum maximum* L. "colonião", interrompidos de longe por moitas de camarás – *Lantana lilacina* Desf., *Lantana camara* L., *Lantana brasiliensis*, "assa-peixes" – *Vernonia ferruginea* Less. e *Vernonia polyanthes* Less., "aniil", *Indigofera suffruticosa* "citreiras" – *Hyptis lophanta* Mart. ex Benth., *Hyptis suaveolens* Poit., *Hyptis brevipes* Poit., "barbascos", *Pterocaulon alopecurioides*, *Pterocaulon lanatum*, "paina-de-sapo", *Asclepias curassavica*, "maria-preta" – *Cordia verbenacea* D.C., "erva-palha" – *Blainvillea biaristata* D.C., "fumo-bravo" – *Elephantopus mollis* H.B.K., "chuva-de-ouro" – *Cassia alata* L., "fedegosos" – *Senna occidentalis* L. e *Cassia tora* L. e "guiseiros" – *Crotalaria mucronata* Desv. e *Crotalaria anagyroides* H.B.K., etc.

Em locais onde o colonião ainda não dominou, mostram-se freqüentes espécies pertencentes aos gêneros *Alternanthera*, *Amaranthus*, *Cordia*, *Heliotropium*, *Commelina*, *Acanthospermum*, *Ageratum*, *Bidens*, *Centratherium*, *Chaptalia*, *Emilia*, *Erechites*, *Siegesbekia*, *Sonchus*, *Tagetes*, *Vernonia*, *Cyperus*, *Croton*, *Euphorbia*, *Andropogon*, *Aristida*, *Cenchrus*, *Digitaria*, *Paspalum*, *Panicum*, *Setaria*, *Aeschynomene*, *Desmodium*, *Senna*, *Stylosanthes*, *Zornia*, *Cuphea*, *Gaya*, *Sida*, *Wissadula*, *Oxalis*, *Portulaca*, *Talinum*, *Borreria*, *Dioidia*, *Physalis*, *Solanum*. Dentre as trepadeiras, há espécies dos gêneros *Ipomoea*, *Merremia*, *Mikania*, *Mannetia*, *Cissus*, *Cardiospermum*, *Serjanea* que aparecem com maior freqüência e densidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EMBRAPA. Serviço Nacional de Levantamento e Conservação de Solos (Rio de Janeiro, R.J.); EPAMIG (Belo Horizonte, MG). **Levantamento de reconhecimento detalhado dos solos da área sob a influência do reservatório de Três Marias – Minas Gerais**. Belo Horizonte, 1978. p.22-39. (EMBRAPA-SNLCS, Boletim Técnico, 57).
- BARBOSA, G.V. Notas sobre o sítio e a posição de Belo Horizonte. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n.17, p.9-28, dez. 1967.
- BRANDÃO, M.; GAVILANES, M.L. Mais uma contribuição para o conhecimento da Cadeia do Espinhaço em Minas Gerais (Serra da Piedade) – II. **Daphne**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.26-43, out. 1990.
- BRANDÃO, M. et al. Contribuição para o conhecimento da Cadeia do Espinhaço em Minas Gerais (Serra do Itabirito) – III. **Daphne**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.41-50, abr. 1991.
- FERREIRA, M.B. O cerrado em Minas Gerais: gradações e composição florística. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.6, n.61, p.4-8, jan. 1980.
- GAVILANES, M.L.; BRANDÃO, M. Flórua da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito Lavras, MG: formação cerrado. **Daphne**, Belo Horizonte, v.1, n.4, p.24-31, jul. 1991.
- PLAMBEL (Belo Horizonte). **O meio natural no processo de organização do espaço na região metropolitana de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 1984. 59p.
- RIZZINI, C.T. Árvores e arbustos do cerrado. **Rodriguésia**, Rio de Janeiro, v.26, n.38, p.63-77, 1971a.
- RIZZINI, C.T. **Árvores e madeiras úteis do Brasil: manual de dendrologia brasileira**. São Paulo: USP, 1971b. 294p.
- RIZZINI, C.T. Contribuição ao conhecimento do cerrado. **Brasil Florestal**, Brasília, v.6, n.22, p.3-151, 1975.
- RIZZINI, C.T. Nota prévia sobre a divisão fitogeográfica (florístico-sociológica) do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.25, n.1, p.3-64, jan./mar. 1963.

CARACTERIZAÇÃO GEOMORFOLÓGICA, CLIMÁTICA, FLORÍSTICA E FAUNÍSTICA DA SERRA DO CURRAL EM BELO HORIZONTE, MG

MÍTZI BRANDÃO

SUMÁRIO: O estudo enfoca dados geomorfológicos e climáticos da área serrana denominada Serra do Curral, acrescido ainda de listagem das espécies de sua cobertura vegetal e fauna.

Palavras-chave: Flora de Minas Gerais, fauna de Minas Gerais, cobertura vegetal das serras mineiras.

SUMMARY: A survey is presented of the species of the vegetation covering the lands of Serra do Curral, in the south and very near to Belo Horizonte city, Minas Gerais, Brazil. The local fauna is also mentioned as well as its climate and its geomorphological formation.

Key words: Minas Gerais flora; Minas Gerais fauna; vegetation of Minas Gerais mountains.

INTRODUÇÃO

A Serra do Curral, localizada na porção sudeste do município de Belo Horizonte, é uma das últimas áreas ainda não ocupadas totalmente pela mancha urbana. Recentemente, ela foi tombada pelo patrimônio público, atitude primordial no processo de sua preservação.

Encerrando um ecossistema próprio e cada vez mais ameaçada pela expansão da cidade e pela atividade mineradora, a serra ainda guarda remanescentes campestres e florestais em sua cobertura vegetal que carecem de estudos específicos, notadamente daqueles que possam elucidar o intrincado sistema de relações entre os seus diversos parâmetros ambientais.

As formações vegetacionais da Serra do Curral caracterizam-se principalmente pela transição entre Mata Atlântica e Cerrado apresentando ainda áreas de Campos Rupestres e Campos Limpos. Em razão dos componentes estruturais qualitativos e quantitativos, estas formações teriam sido capazes de fornecer suporte alimentar e reprodutivo a uma fauna típica.

A ação antrópica, contudo, através da ocupação e de atividades produtivas, descaracterizou grandes áreas destas formações, que hoje quase não suportam mais a fauna terrestre e alada. Restam, ao longo da Serra do Curral, restritas parcelas isoladas, que funcionam como ecossistemas insulares abrigando comunidades que vivem "ilhadas" (Fonseca, 1981).

Observou-se que, qualitativamente, as comunidades faunísticas destes ecossistemas assemelham-se a outras comunidades presentes em áreas contíguas à Serra do Curral, que apresentam formações vegetacionais, florísticas e estruturalmente similares.

Este trabalho pretende contribuir para o acréscimo de in-

formações sobre a flora, fauna, geomorfologia, geologia e clima da Serra do Curral, aspectos fundamentais a serem considerados no levantamento de seus recursos naturais.

MATERIAL E MÉTODOS

Iniciou-se, em 1988, o levantamento da cobertura vegetal da Serra do Curral, com uma coleta de material a cada dois meses, recolhendo-se o acervo ao PAMG/EPAMIG. As plantas foram identificadas e listadas por ordem de famílias e de gêneros.

As coletas foram realizadas nas áreas florestais remanescentes e nas áreas campestres (Cerrado, Campo Limpo e Campo Rupestre).

O inventário dos mamíferos e répteis foi feito através de observações diretas e indiretas e informações obtidas junto à população local. Outros inventários se executaram em áreas que apresentam características vegetacionais similares às da Serra do Curral e próximas a esta, nos municípios de Betim, Itabirito, Sabará, Nova Lima, Ouro Preto, Mariana, Caeté e Vespasiano. Bibliografia referente ao assunto também foi utilizada (COPASA, 1990, *Minerações...*, 1989, *DAM...*, 1991ab e Costa et al., 1981).

Os levantamentos da avifauna foram realizados com o auxílio de bibliografia específica, observações a campo e informações fornecidas pela população local. Foram também utilizados os dados obtidos pelos técnicos Ney Eny Demas Carnielli, Ronaldo César Vieira de Almeida e Ana Maria Achtschin Ferreira, em levantamentos realizados em áreas próximas aos municípios de Betim, Jeceaba, Congonhas, Itabirito e Nova Lima (NATRON..., 1991, VERTENTE..., 1991 e RIAD..., 1992).

Todos os dados foram cruzados e, como as áreas pos-

¹ Aceito para publicação em outubro de 1991.

sufam características vegetacionais similares às da Serra do Curral, foram confirmadas apenas as espécies mais típicas.

ASPECTOS FÍSICOS

Inserida no Complexo Ambiental do Quadrilátero Ferrífero (PLAMBEL, 1984), a Serra do Curral resulta de uma série de processos metamórficos que afetou um pacote sedimentar de idade pré-cambriana. As condições de temperatura e pressão elevadas atuaram sobre uma litologia específica que resultou em uma variedade de rochas, representadas principalmente por uma alternância de filitos, itabiritos, quartzitos e dolomitos e recobertas por camadas de laterita ferruginosa (canga). Eventos tectônicos imprimiram a tal pacote sedimentar uma complexa feição geoestrutural com extensos dobramentos e falhamentos.

Esse peculiar conjunto litológico, tectônico e estrutural foi submetido, ao longo do tempo geológico, a diversas condições climáticas, com extensos ciclos secos e úmidos (Barbosa, 1967).

As distintas resistências das rochas, aliadas ao intemperismo físico e químico, criaram processos erosivos naturais, que resultaram em uma paisagem específica, com vertentes íngremes, vales longos e encaixados, em oposição a cristas estreitas. Tal paisagem constitui-se num dos mais antigos sítios geomorfológicos conhecidos no Estado (PLAMBEL, 1984).

Nessa parcela encontram-se as maiores altitudes do município, entre elas o Pico Belo Horizonte (1.340m). Há predominância de Cambissolos e Solos Litólicos, de pouca espessura e em geral também pouco desenvolvidos nas encostas e topos.

Tais solos são ricos em concreções ferruginosas resultantes do intemperismo químico, principal fator da pedogênese local, e formam, às vezes, extensas lajes lateríticas. Nos fundos dos vales, os solos mostram-se mais espessos, dos tipos B textural e Podzólico, resultantes do material desagregado das partes mais elevadas.

Esta área registra o maior índice pluviométrico do município e as mais baixas temperaturas, sendo bastante evidente o efeito orogênico provocado pela serra.

Atualmente, o clima local classifica-se como CWA – temperatura média do mês mais frio inferior a 18°C, distinto, portanto, do clima da zona urbana que é AW, isto é, tropical chuvoso, com chuvas de verão.

FLORA

A flora é representada por formações florestais na base da serra (capões ou estreitas faixas ao longo das ravinas) e pelas campestres que a sucedem (Cerrado, Campo Limpo e Campo Rupestre) em direção à cumeeira. Rizzini (1963).

Floresta Pluvial

A Mata Pluvial situa-se ao longo da base da Serra do Curral, e encontra-se distribuída de forma irregular, formando, em virtude da forte ação antrópica, manchas esparsas que alcançam, em alguns pontos, cotas mais altas.

No estrato arbóreo encontram-se, além de outras, as se-

guintes espécies: *Copaifera langsdorffii* Desf. (pau-d'óleo), *Aspidosperma australe* M. Arg., *Aspidosperma belo-horizontinum* Alv. Silv., *Aspidosperma cylindrocarpum* M. Arg., *Aspidosperma subincanum* Mart. (pereiro), *Zeyhera tuberculosa* (Vell.) Bur. (ipê-preto), *Senna macranthera* (Collad) Irwin et Barnaby, *Senna multijuga* (Rich.) Irwin et Barnaby (cássias), *Peltophorum dubium* Benth. (cambu), *Hymenaea stibocarpa* Hayne. (jatobá), *Bauhinia forficata* Link. (unha-de-vaca), *Hedyosmum brasiliensis* Mart et Miq. (chá-de-bugre), *Terminalia brasiliensis* Camb e *Terminalia fagifolia* Mart et Zucc (capitão), *Vanillosmopsis erythropappa* (DC) Schultz Bip e *Vanillosmopsis arborea* (Gardn.) Baker. (candeia), *Mabea fistulifera* Mart. (canudo-de-pito), *Machaerium erythroloma* (Mart et Benth) Urban (jacarandá), *Casearia arborea* (Rich.) Urban e *Casearia grandiflora* Camb. (guaçutanga), *Ocotea ferruginea* Mg. e *Ocotea lanceolata* (Nees) Mez (canela), *Miconia ligustriodes* (DC.) Naud., *Miconia paniculata* Naud., *Miconia pepericarpha* DC. (maria-preta), *Tibouchina candolleana* Cogn., *Tibouchina granulosa* (Desv.) Cogn. (quarresmeira), *Cabralea cangerana* (Mart.) A.DC. (cangerana), *Cedrela fissilis* Vell. (cedro) *Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenan (angico), *Cecropia pachystachya* Trec. e *Cecropia hololeuca* Miq. (embaúba), *Dictyoloma incanescens* DC. (mil-folhas), *Guatteria vilosissima* St. Hil., *Hirtella racemosa* *Zanthoxylum rhoifolium* Lam. (mamica-de-porca), *Styrax martii* Seub. (benjoim), *Peschiera laeta* M. Arg. (leiteira), *Luehea grandiflora* Mart. e *Leuhea paniculata* Mart. (açoita-cavalo), *Trema micrantha* (L.) Blume. (candiúba), *Bathysia australis* (folha-grande), *Vochysia tucanorum* (spr.) Mart. (pau-de-vinho), *Croton urucurana* Baill. (sangue-de-drago) (Spr.) (Brandão; Gavilanes, 1990, Brandão et al, 1991 e Rizzini, 1971a).

O sub-bosque tem composição muito variável ao longo das manchas que foram visitadas e apresenta espécies como: *Staurogyne glutinosa* Lindl., *Ruellia macrantha* (Mart et Nees) Lindau, *Pfaffia velutina* (Vahl.) Mart. *Begonia leptophylla*, Taub., *Urera baccifera* (L.) Grudish (urtigão), *Palicourea marcgravii* St. Hil. (erva-de-rato), *Siphocampylus* sp. (flor de beija-flor), *Ottonia anisum* Spreng., *Piper arboreum* Aubl., *Pothomorphe peltata* Miq., *Rubus brasiliensis* Mart., *Rubus rosifolius* Smith., *Alibertia concolor* (Cham), Schum. (marmelada), *Hyptis rubiginosa* Benth. e *Hyptis umbrosa* (hortelã).

As pteridófitas são freqüentes na orla da mata ou dentro desta, das quais podem ser citadas: *Lygodium polymorphum* (Cav.) H.B.K., *Gleichenia bifida* (Wedd.) Spreng. *Gleichenia flexuosa* (Schrad) Mett, *Gleichenia furcata* (L.) Spreng., *Gleichenia rigida* Sw. (samambaia-de-barranco), *Blechnum brasiliensis* *Blechnum occidentale* L., *Polystichum denticulatum* (Sw.) J. Sm. e *Asplenium simplicifolium* Brade.

Trepadeiras como *Cissus campestris* Baker e *Cissus erosa* (L.) Rich. (uva-brava), *Reissekia smilacina* Endl., *Anchietea salutaris* (cipó-suma), *Passiflora serrato-digitata*, *Passiflora tricuspidata* Mart. (maracujá), *Wilbrandia hibiscoides*, *Mikania cordifolia* Willd., *Mikania hirsutissima* L. (guaco), *Odontadenia lutea* (Vell.) Macge., *Friedericia speciosa* Mart. (cigana) e *Pyrostegia venusta* Miers (cipó-são-joão) mostram-se freqüentes.

Poucas epífitas ocorrem na Serra do Curral, ressaltando-se *Tillandsia* sp., *Bromelia* sp.

Capoeiras

As capoeiras, em diversas etapas de desenvolvimento, podem ser visualizada ao longo da base da serra, junto à mata pluvial. De forma geral, a composição florística delas é semelhante àquela da mata que lhes deu origem, apesar de mais empobrecida. Entretanto, elas se enriquecem com a presença de exemplares dos gêneros *Solanum* (*S. lycocarpum*, *S. paniculatum*, *S. mauritianum*, *S. sisymbriifolium*) e *Trema micrantha* (L.) Blume. (candiúba), *Mabea fistulifera* Mart. (candudo-de-pito), *Vernonia polyanthes* Less., *Vernonia cognata* Less., *Vernonia westiniana* Less. e *Vernonia scorpiodes* (Lam.) Pers. (assa-peixe), *Cecropia hololeuca* Miq. (embaúba), dentre outras espécies.

Cerrado

O Cerrado apresenta porte e composição florística variada ao longo da Serra do Curral, ora ocorrendo trechos onde seus elementos são mais altos e densos, ora transitando para o Campo Cerrado.

Dentre os elementos arbóreos, mostram-se presentes: *Cyrtanthus antisyphilitica* Mart. (carobão), *Tabebuia ochracea* (Cham.) Standl. (ipê-do-cerrado), *Austroplenkia polypnea* (Reiss) Lundell. (treme-treme), *Hypis cana* Pohl ex Benth. (hortelã), *Byrsonima crassa* Nied., *Byrsonima coccolobifolia* (Spreng.) Kunth, *Byrsonima verbascifolia* Juss. (muricis), *Miconia albicans* (Sw.) Triana (maria-preta), *Miconia macrothyrsa* Benth., *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville. (barbatimão), *Rustia formosa*, *Dictyoloma incanescens* DC. (mil-folhas), *Bowdichia virgilioides* HBK. (sucupira-preta), *Enterolobium gummiferum* (Mart.) Mechr. (boizinho), *Styrax camporum* Pohl. (benjoim), *Luehea grandiflora* Mart. (açoita-cavalo), *Xylopia aromatica* Lam. (pimenta-de-macaco), *Vochysia thysoides* Pohl. (pau-de-tucano) e *Qualea grandiflora* Mart. (pau-terra). No estrato arbustivo são freqüentes espécies ligadas aos gêneros: *Anacardium*, *Arrabidaea*, *Jacaranda*, *Cordia*, *Senna*, *Eremanthus*, *Baccharis*, *Casearia*, *Camptosema*, *Hypis*, *Byrsonima*, *Peixotoa*, dentre outras (Rizzini, 1971b, 1975).

O estrato graminoso-herbáceo varia também em sua composição florística, mostrando exemplares ligados aos gêneros: *Ruellia*, *Croton*, *Aneimia*, *Gomphrena*, *Alstroemeria*, *Mandevilla*, *Siphocampylus*, *Euphorbia*, *Achyrocline*, *Baccharis*, *Eupatorium*, *Stevia*, *Trixis*, *Vernonia*, *Manihot*, *Euphorbia*, *Stylosanthes*, *Hypis*, *Cuphea*, *Polygala*, *Sida*, *Camarea*, etc. e capins dos gêneros: *Andropogon*, *Setaria*, *Mesosetum*, *Paspalum*, *Panicum*, *Eragrostis*, etc.

Campo Rupestre

O Campo Rupestre por sua vez apresenta como espécies padronizadoras: *Mimosa calothamos* Mart., *Luxemburgia octandra* St. Hil., *Stachytarphetta glabra* Cham e *Stachytarphetta sellowiana* Schauer (gervões), *Lippia lupulina* Cham., *Vellozia glabra* Mikan, *Vellozia variabilis* Mart., *Esterrhazia splendida* Mikan. *Tibouchina gracilis* (Bompl.) Cogn. *Lavoisiera alba* (Mart. et Sch.) DC., *Clidemia hirta* (L.) G. Don., *Diplusodon virgatus* Pohl., *Diplusodon vilosissimus* Pohl., etc.

Muitas herbáceas ligadas aos gêneros *Cuphea*, *Begonia*, *Polygala*, *Declieuxia*, *Borreria*, *Oxalis*, *Acisanthera*, *Cambessedesia*, *Camarea*, *Galphimia*, *Dickia*, *Rhipsalis*, *Melocactus* estão presentes, além de oquidáceas como *Pleurothallis rupestre* Lindl., *Oncidium gracilis* Lindl., *Laelia flava*, *Epidendron ellipticum* Lindl., dentre outras.

Em alguns pontos da serra encontram-se gramíneas dos gêneros *Ctenium*, *Mesosetum*, *Eragrostis*, *Panicum*, *Tristachya*, etc.

Campo Limpo

O Campo Limpo, distribuído de forma contínua em alguns trechos e sob a forma de manchas em outros, limita-se com o Campo Cerrado e o Campo Rupestre nas cotas mais altas e nos declives mais abruptos. Apresenta espécies como *Ruellia germiniflora* KBK., *Pfaffia jubata* Mart., *Alstroemeria campestre* Vell. *Jacaranda paucifoliata* Mart ex DC., *Chamaecrista incurvata* (Benth.) Irwin et Barnaby, *Wahlenbergia linarioides* (Lam.) DC. *Achyrocline alata* HBK., *Achyrocline capitata* A.P. DC., *Aspilia elliptica* A.P. DC., *Aspilia foliacea* Baker. *Baccharis aphylla* A.P. DC., *Baccharis humilis* Schultz-Bip., *Baccharis trichonanthoides* A.P. DC., *Calea rotundifolia* Fardn. *Eupatorium capillare* (DC.) Baker., *Vernonia apiculata* Mart., *Vernonia tomentella* Mart. ex DC., dentre outras.

No estrato graminoso-herbáceo mostram-se presentes, além de outras as espécies, *Lagenocarpus rigidus* Nees, *Dichromena consanguinea*, *Rhynchospora aurea* Vahl., *Scleria pterora* Presl., *Xyris* sp., *Aristida adscencionis* L., *Aristida pallens* Cav., *Axonopus aureus* (HBK) Beauv., *Axonopus barbigerus* (Kunth.) Hicht., *Ctenium cirrhosum* (Nees) Kunth. e *Mesosetum ferrugineum* (Trin.) Chase (Gavilanes; Brandão, 1991).

Campos Antrópicos

Ao lado das vias de acesso e nos limites dos bairros que sobem pela base da serra, junto a antigos depósitos de lixo, estão presentes arbustos e arvoretas exóticas, que para ali foram carreadas sob a forma de sementes e/ou restos de raízes. Dentre essas plantas, foram encontradas as espécies: *Tecoma stans* H.B.K., *Cordyline terminalis* L., *Agave* sp., *Allamanda cathartica* L., *Caladium bicolor*, *Dieffenbachia picta* Schott., *Canna indica* L., *Lonicera japonica*, *Pedilanthus tithymaloides*, *Ricinus communis* L., *Euphorbia splendens*, *Mirabilis jalapa* L., *Phytolacca thyrsoiflora*, Fenzl. ex Chum., *Nicotiana tabacum* L., *Malvaviscus penduliflorus*, *Brugmansia arborea* L., *Impatiens sultanii* L., *Montanoa hibiscifolia* (Benth) Schultz-Bip.

Muitas ruderais também estão presentes, na maioria das vezes infiltrando-se pelas formações naturais, a saber: *Thumburgia alata* Bojer. (mulata), *Alternanthera tenella* Colla., *Alternanthera brasiliana* (L.) O. Kuntze (perpétua), *Amaranthus blitum* L., *A. spinosus* L. e *A. viridis* L. (caruru), *Asclepias curassavica* L., *Heliotropium indicum* L. e *H. procumbens* Mill. (crista-de-galo), *Cordia verbenacea* DC. (maria-preta), *Chamaecrista flexuosa* (L.) Greene (peninha), *Chamaecrista rotundifolia* (Pers.) Greene (erva-coração), *Senna alata* (L.) Roxb., *Drymaria cordata* (L.), *Commelina difusa*, *C. erecta* L.

(macarrão), *Tradescantia elongata*, *Acanthospermum australe* (Loef.) O. Kuntze, (benzinho), *Ambrosia artemisiaefolia* L., *Ageratum conyzoides* L. (São João), *Blaivillea biaristata* DC., *Centratherum punctatum* Cass. (craveiro), *Elephantopus mollis* HBK. (fumo-bravo), *Emilia sonchifolia* L. (pincel), *Eupatorium laevigatum* Lam. e *E. maximilianii* Schrad. (mata-pasto), *Melampodium divaricatum* (estrelinha), *Pterocaulon alopecurioides* (Lam.) DC., *Polymnia siegesbeckia* L., *Porophyllum lanceolatum* L. e *P. ruderale* (Jacq.) Cass. (rabo-de-foguete), *Taraxacum officinale* Weber (dente-de-leão), *Trichogonia salviaefolia* Baker. (Santa-Luzia), *Vernonia polyanthes* Less. (assa-peixe), *Vernonia scorpioides* (Lam.) Pers. (enxuta), *Wedelia paludosa* DC. (margaridinha), *Xanthium spinosus* L., *Ipomoea acuminata* Roem et Sch., *Ipomoea aristolochiaefolia* (HBK) Don., *Ipomoea cairica* (L.) Sweet., *Ipomoea carnea* Jacq., *Ipomoea purpurea* Lam. (corda-de-viola), *Merremia aegyptia* (L.) Urban., *Merremia cissoides*

(Lam.) Hallier., *Merremia macrocalyx* (Ruiz et Pav.) O'Donnel (getirana), *Lagenaria vulgaris* L. (cabaça), *Luffa aegyptia* Mill. (bucha), *Pteridium aquilinum* (L.) Kuhl., *Chamaesyce hirta* (L.) Millip., *Euphorbia hirta* L., *Euphorbia prostata* Ait. (leiteira), *Leonotis nepetaefolia* (cordão-de-frade), *Leonurus sibiricus* L. (macaé), *Malvastrum coromandelianum* (L.) Gaertn., *Sidastrum micranthum* (St. Hil.) Fryxell., *Sidastrum paniculatum* (L.) Fryxell., *Urena lobata* L. (malva e vassoura), *Mimosa pudica* L., *Mimosa rixosa* L. (dormideira), *Plantago tomentosa* L., *Plantago major* L. (tanchagem), *Portulaca oleracea* L. (beldroega), *Richardia brasiliensis* Gomez e *Richardia scabra* L., *Solanum aculeatissimum* Jacq., *Solanum sisymbriifolium* Lam. (joá), *Corchorus hirtus* L., *Triumfetta semitriloba* Jacq. (carrapicho-de-bola), etc.

No Quadro 1 são relacionadas as famílias, espécies e respectivas formações vegetais das plantas coletadas na Serra do Curral, município de Belo Horizonte, MG.

QUADRO 1 – Relação das Famílias, Espécies e Respectivas Formações Vegetais das Plantas Coletadas na Serra do Curral, Município de Belo Horizonte - MG (Continua)

Família / Nome Científico	Formação Vegetal				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
ACANTHACEAE					
<i>Ruellia geminiflora</i> H.B.K.	x	x	.	.	.
<i>Ruellia macrantha</i> (Mart. et Nees) Lindau	.	.	.	x	.
<i>Ruellia villosa</i> (Nees) Lindau	.	.	.	x	.
<i>Staurogyne glutinosa</i> Lindl.	.	.	.	x	.
<i>Thumbergia alata</i> Bojer.	x
<i>Beloperone</i> sp.	.	.	.	x	.
ADIANTACEAE					
<i>Adiantum cuneatum</i> Langsd. & Fisch.	.	.	.	x	.
<i>Adiantum pedatum</i>	.	.	.	x	.
<i>Doryopteris ornithopus</i>	.	.	x	.	.
<i>Pityrogramma calomelanus</i> (L.) Link.	.	.	x	.	.
AGAVACEAE					
<i>Agave</i> sp.	x
<i>Cordyline terminalis</i> L.	x
AMARANTHACEAE					
<i>Alternanthera brasiliensis</i> (L.) O. Kuntze.	x
<i>Alternanthera tenella</i> Colla.	x
<i>Amaranthus blitum</i> L.	x
<i>Amaranthus spinosus</i> L.	x
<i>Amaranthus viridis</i> L.	x
<i>Gomphrena celosioides</i> L.	x
<i>Gomphrena decipiens</i> Seub.	.	.	.	x	.
<i>Gomphrena officinalis</i> Mart.	x
<i>Pfaffia jubata</i> Mart.	.	x	.	.	.
<i>Pfaffia velutina</i> (Vahl.) Mart.	.	.	.	x	.

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
AMARYLLIDACEAE					
<i>Alstroemeria campestre</i> Vell.	x	x	.	.	.
<i>Alstroemeria cunea</i> Vell.	.	.	x	.	.
<i>Alstroemeria plantaginea</i> Naud.	x	x	.	.	.
ANACARDIACEAE					
<i>Anacardium humile</i> St. Hil.	x
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi.	x	.	.	x	.
ANNONACEAE					
<i>Annona</i> sp.	x
<i>Duguetia furfuracea</i> St. Hil.	x
<i>Guatteria vilosissima</i> St. Hil.	.	.	.	x	.
<i>Xylopia aromatica</i> Lam.	x
<i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng.	.	.	.	x	.
APOCYNACEAE					
<i>Allamandra cathartica</i> L.	x
<i>Aspidosperma australe</i> M. Arg.	.	.	.	x	.
<i>Aspidosperma belo-horizontinum</i> Alv. Silv.	.	.	.	x	.
<i>Aspidosperma cilindrocarpon</i> M. Arg.	.	.	.	x	.
<i>Aspidosperma melanocalyx</i>	.	.	.	x	.
<i>Aspidosperma subincanum</i> Mart.	.	.	.	x	.
<i>Aspidosperma warmingii</i> M. Arg.	.	.	.	x	.
<i>Condylocarpus isthmicum</i> (Vell.) S. DC.	.	.	.	x	.
<i>Condylocarpus obtusiusculum</i> M. Arg.	.	.	.	x	.
<i>Condylocarpus rauwolfia</i> (A. DC.) M. Arg.	.	.	.	x	.
<i>Forsteronia pubescens</i> A. DC.	x
<i>Mandevilla erecta</i> (Vell.) Woods.	x	x	.	.	.
<i>Mandevilla spigaleflora</i> (Stadl.) Woods.	x	x	.	.	.
<i>Mandevilla tenuiflora</i>	x	x	.	.	.
<i>Odontadenia lutea</i> (Vell.) Marcgf.	x
<i>Peltastes peltatus</i> (Vell.) Woods.	.	x	.	.	.
<i>Peschiera laeta</i> M. Arg.	.	.	.	x	.
<i>Prestonia coalita</i> (Vell.) Woods.	.	x	.	.	.
<i>Prestonia lindmanii</i> (Malme) Woods.	.	x	.	.	.
<i>Prestonia riedellii</i> (M. Arg.) Marcgf.	.	x	.	.	.
ARACEAE					
<i>Anthurium sellowianum</i>	x
<i>Caladium bicolor</i>	x
<i>Dieffenbackia picta</i> Schott.	x
ARALIACEAE					
<i>Didymopanax macrocarpum</i> (Cham. & Schl.) Seem.	.	.	.	x	.

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
ARISTOLOCHIACEAE					
<i>Aristolochia</i> sp.	x
ASCLEPIADACEAE					
<i>Asclepias curassavica</i> L.	x
<i>Asclepias</i> sp.	.	x	.	.	.
<i>Barjonia erecta</i> (Vell.) Schum.	x
<i>Ditassa acerosa</i> Mart. et Zucc.	x
<i>Ditassa bicolor</i> Dcne.	.	x	.	.	.
<i>Ditassa congesta</i> Fourn.	.	x	.	.	.
<i>Ditassa rosea</i> Alv. Silv.	.	x	.	.	.
<i>Oxypetalum erectum</i> Dcne.	.	.	x	.	.
<i>Oxypetalum strictum</i> Mart. et Zucc.	x
ASPIDIACEAE					
<i>Polystichum denticulatum</i> (Sw.) J. Sm.	.	.	.	x	.
ASPLENIACEAE					
<i>Asplenium simplicifolium</i> Brade.	.	.	.	x	.
BALSAMINACEAE					
<i>Impatiens sultanii</i> L.	x
BEGONIACEAE					
<i>Begonia leptophylla</i> Taub.	.	.	.	x	.
<i>Begonia lobata</i> Schott.	x
<i>Begonia ragozini</i> Schmake	.	.	x	.	.
BIGNONIACEAE					
<i>Arrabidaea brachypoda</i> DC.	x
<i>Arrabidaea sceptrum</i> (Cham.) Sandw.	x
<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stelf.	x
<i>Cybistax antisiphilitica</i> Mart.	x
<i>Friedericia speciosa</i> Mart.	.	.	.	x	.
<i>Jacaranda caroba</i> (Vell.) DC.	x
<i>Jacaranda paucifoliolata</i> Mart. ex DC.	.	x	x	.	.
<i>Pyrostegia venusta</i> Miers.	.	.	.	x	x
<i>Tabebuia chrysotricha</i> Mart.
<i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standley	x
<i>Tabebuia serratifolia</i> (Vahl.) Nichols.	.	.	.	x	.
<i>Tecoma stans</i> H.B.K.	x
<i>Zeyhera digitallis</i> Vell.	x
<i>Zeyhera tuberculosa</i> (Vell.) Bur.	.	.	.	x	.

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
BORAGINACEAE					
<i>Heliotropium indicum</i> L.	x
<i>Heliotropium procumbens</i> Mill.	x
<i>Cordia verbenacea</i> DC.	x	.	.	.	x
BLECHNACEAE					
<i>Blechnum brasiliensis</i> L.	.	.	.	x	.
<i>Blechnum occidentale</i> L.	.	.	.	x	.
BROMELIACEAE					
<i>Dickia duarteana</i> L.B. Smith.	.	.	x	.	.
<i>Dickia macropoda</i> L.B. Smith.	.	.	x	.	.
BURSERACEAE					
<i>Protium heptaphyllum</i> Aubl.	.	.	.	x	.
CACTACEAE					
<i>Rhipsalis</i> sp.	.	.	x	.	.
CAESALPINACEAE					
<i>Bauhinia forficata</i> Link.	.	.	.	x	.
<i>Caesalpinia pulcherrima</i> Sw.	x
<i>Chamaecrista cathartica</i> (Mart.) Irwin. & Barnaby.	.	.	x	.	.
<i>Chamaecrista desvauxii</i> (Collad.) Killip.	.	.	x	.	.
<i>Chamaecrista flexuosa</i> (L.) Greene	x
<i>Chamaecrista incurvata</i> (Benth.) Irwin & Barnaby	.	x	.	.	.
<i>Chamaecrista nictitans</i> ssp. <i>patellaria</i> (Coll.) Irw. & Barn.	x
<i>Chamaecrista rotundifolia</i> (Pers.) Greene	x
<i>Copaifera langsdorfii</i> Desf.	.	.	.	x	.
<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	x
<i>Hymenaea stignocarpa</i> Mart.	x
<i>Hymenaea stilbocarpa</i> Hayne.	.	.	.	x	.
<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taub.	.	.	.	x	.
<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	x
<i>Senna bicapsularis</i> (L.) Roxb.	x
<i>Senna macranthera</i> (Collad.) Irwin & Barnaby	.	.	.	x	.
<i>Senna multijuga</i> (Rich.) Irwin & Barnaby	.	.	.	x	.
<i>Senna obtusifolia</i> (L.) Irwin & Barnaby	x
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link.	x
<i>Senna rugosa</i> (G. Don.) Irwin & Barnaby	x
CAMPANULACEAE					
<i>Centropogon cornutus</i> Presl.	x
<i>Laurentia longiflora</i> (L.) Endl.	x
<i>Syphocampylus macropodus</i> (Bilb.) G. Don.	.	.	.	x	.
<i>Wahlembergia linarioides</i> (Lam.) DC.	.	x	x	.	.

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
CANNACEAE					
<i>Canna indica</i> L.	x
CAPRIFOLIACEAE					
<i>Lonicera japonica</i> L.	x
CARYOPHYLLACEAE					
<i>Drymaria cordata</i> (L.) Willd.	x
CELASTRACEAE					
<i>Austroplenckia populnea</i> (Reiss.) Lundell	x
CHENOPODIACEAE					
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	.	.	.	x	.
CHRYSOBALANACEAE					
<i>Hirtella racemosa</i> Lam.	.	.	.	x	.
CLORANTHACEAE					
<i>Hedyosmum brasiliense</i> Mart. et Mig.	.	.	.	x	.
COMBRETACEAE					
<i>Terminalia brasiliensis</i> Camb.	.	.	.	x	.
<i>Terminalia fagifolia</i> Mart. et Zucc.	.	.	.	x	.
COMMELINACEAE					
<i>Commelina difusa</i>	x
<i>Commelina erecta</i> L.	.	.	.	x	.
<i>Tradescantia elongata</i> L.	.	.	.	x	.
COMPOSITAE					
<i>Acanthospermum australe</i> (Loef.) O. Kuntze.	x
<i>Ambrosia artemisaefolia</i> L.	x
<i>Achyrocline alata</i> H.B.K.	.	x	.	.	.
<i>Achyrocline capitata</i> DC.	.	x	.	.	.
<i>Achyrocline satureioides</i> DC.	x	x	.	.	.
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	x
<i>Aspilia elliptica</i> DC.	.	x	.	.	.
<i>Aspilia foliacea</i> Baker	.	x	.	.	.
<i>Baccharis aphylla</i> (Vell.) A.P. DC.	.	x	.	.	.
<i>Baccharis brevifolia</i> DC.	.	.	x	.	.
<i>Baccharis calvescens</i> A.P. DC.	.	x	.	.	.
<i>Baccharis dracunculifolia</i> A.P. DC.	x	.	.	.	x
<i>Baccharis genistelioides</i> A.P. DC.	.	.	x	.	.
<i>Baccharis genistifolia</i> A.P. DC.	.	x	.	.	.

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
COMPOSITAE					
<i>Baccharis gracilis</i> A.P. DC.	.	.	x	.	.
<i>Baccharis humilis</i> Schultz.-Bip. ex Baker.	.	.	x	.	.
<i>Baccharis intermixta</i> Gardner	.	x	.	.	.
<i>Baccharis leptcephala</i> A.P. DC.	.	x	.	.	.
<i>Baccharis ligustrina</i> A.P. DC.	.	x	.	.	.
<i>Baccharis platypoda</i> A.P. DC.	.	.	x	.	.
<i>Baccharis ramosissima</i> Gardn.	.	x	.	.	.
<i>Baccharis reticularia</i> A.P. DC.	.	x	.	.	.
<i>Baccharis subdentata</i> A.P. DC.	x
<i>Baccharis trichonanthoides</i> A.P. DC.	.	x	.	.	.
<i>Baccharis tridentata</i>
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) A.P. DC.	x	x	.	.	.
<i>Baccharis varians</i> Gardn.	.	x	.	.	.
<i>Baccharis veronioides</i> A.P. DC.	x
<i>Bidens pilosus</i> L.	x
<i>Blainvillea biaristata</i> DC.	x
<i>Brickelia pinifolia</i> (Gardn.) Gray	.	.	x	.	.
<i>Calea multiplinervea</i> Less.	.	x	.	.	.
<i>Calea nitida</i> Less.	.	x	.	.	.
<i>Calea rotundifolia</i> Gardn.	.	x	.	.	.
<i>Centhraterum punctatum</i> Cass.	.	x	.	.	.
<i>Chaptalia integerrima</i> (Vell.) Baker.	.	.	.	x	.
<i>Chaptalia nutans</i> (L.) Polack	.	.	.	x	.
<i>Cosmus sulphureus</i> L.	x
<i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronquist.	x
<i>Eclipta alba</i> Hassk.	x
<i>Elephantopus mollis</i> H.B.K.	x
<i>Elephantopus riparius</i> L.	.	.	x	.	.
<i>Emilia sonchifolia</i> DC.	x
<i>Erechtites hieracifolia</i> (L.) Rafin.	x
<i>Eremanthus mollis</i> Schultz.-Bip.	x
<i>Eremanthus sphaerocephalus</i>	x
<i>Eupatorium brunifolium</i>	.	x	.	.	.
<i>Eupatorium capillare</i> (DC.) Baker.	x	x	.	.	.
<i>Eupatorium horminioides</i> Baker.	x
<i>Eupatorium intermedium</i> DC.	x
<i>Eupatorium laevigatum</i> Lam.	x
<i>Eupatorium maximilianii</i> Schrad.	x
<i>Eupatorium parviflorum</i> H.B.K.	x
<i>Eupatorium spidulum</i> DC.	.	.	x	.	.
<i>Gamochoa americana</i> (Mill.) Wedd.	x
<i>Helianthus annuus</i> L.	x
<i>Ichthyothere cunabi</i> Mart.	.	x	.	.	.
<i>Inulopsis scapigera</i>	.	.	x	.	.
<i>Lychnophora piniflora</i> Baker	.	x	x	.	.
<i>Lychnophora affinis</i> Gardn.	.	x	x	.	.
<i>Lychnophora damazoii</i> Beauv.	.	x	x	.	.

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
COMPOSITAE					
<i>Melampodium divaricatum</i>	x
<i>Mikania argyrea</i> DC.	.	.	.	x	.
<i>Mikania cordifolia</i> Willd.	.	.	.	x	.
<i>Mikania hirsutissima</i> L.	.	.	.	x	.
<i>Mikania numularia</i> A.P. DC.	.	.	.	x	.
<i>Mikania microcephala</i> A.P. DC.	.	.	.	x	.
<i>Montanoa hibiscifolia</i> (Benth.) Schultz-Bip.	x
<i>Orthopappus angustifolius</i> (Sw.) Gleason	x
<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	x
<i>Pterocaulon alopecurioides</i> (Lam.) DC.	x
<i>Polymnia siegesbeckia</i> L.	x
<i>Porophyllum lanceolatum</i> L.	x
<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.	x
<i>Sonchus oleraceus</i> L.	x
<i>Senecio mikanoides</i> Otto.	x
<i>Siegesbeckia orientalis</i> L.	x
<i>Stevia heptachaetta</i> DC.	x
<i>Synedrella nodiflora</i> (L.) Gaertn.	x
<i>Tagetes minuta</i> L.	x
<i>Taraxacum officinale</i> Weber.	x
<i>Trichogonia salviaefolia</i> Baker.	x	.	.	.	x
<i>Trixis molissima</i> DC.	x
<i>Trixis verbasciformis</i> Less.	x
<i>Vanillosmopsis arborea</i> (Gardn.) Baker	x
<i>Vanillosmopsis erythropappa</i> (DC.) Schultz	.	.	x	.	.
<i>Vernonia apiculata</i> Mart.	.	.	x	.	.
<i>Vernonia bardanoides</i> Less.	x
<i>Vernonia cognata</i> Less.	x
<i>Vernonia elegans</i> Gardn.	x
<i>Vernonia fruticulosa</i> Mart.	.	.	x	.	.
<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	x
<i>Vernonia remotiflora</i> Rich.	x
<i>Vernonia scorpioides</i> (Lam.) Pers.	x
<i>Vernonia tomentella</i> Mart. ex DC.	.	.	x	.	.
<i>Vernonia westiniana</i> Less.	x
<i>Viguiera ovatifolia</i> (DC.) Baker	x
<i>Viguiera robusta</i> Gardn.	x
<i>Wedelia paludosa</i> DC.	x
<i>Xanthium spinosus</i> L.	x
<i>Youngia japonica</i> (L.) DC.	x
CONVOLVULACEAE					
<i>Dichondra repens</i> L.	.	.	.	x	.
<i>Evolvulus</i> sp.	x
<i>Ipomoea acuminata</i> Roem. et Sch.	x
<i>Ipomoea aristolochiaefolia</i> (H.B.K.) Don.	x
<i>Ipomoea argentea</i> Meissn.	x

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
CONVOLVULACEAE					
<i>Ipomoea cairica</i> (L.) Sweet	X
<i>Ipomoea carnea</i> Jacq.	X
<i>Ipomoea coccinea</i> L.	X
<i>Ipomoea nil</i> (L.) Roth.	X
<i>Ipomoea procumbens</i> Meissn.	X
<i>Ipomoea purpurea</i> Lam.	X
<i>Merremia aegyptia</i> (L.) Urban	X
<i>Merremia cissoides</i> (Lam.) Hallier	X
<i>Merremia macrocalyx</i> (Ruiz et Pav.) O'Donnel	X
CRASSULACEAE					
<i>Kalanchoe pinnata</i> L.	X
CRUCIFERAE					
<i>Lepidium ruderale</i> L.	X
CUCURBITACEAE					
<i>Cayaponia espelina</i> Manso	X
<i>Lagenaria vulgaris</i> L.	X
<i>Luffa aegyptia</i> Mill.	X
<i>Momordica charantia</i> L.	X
<i>Wilbrandia hibiscoides</i> Cogn.	.	.	.	X	.
CUNONIACEAE					
<i>Belangera</i> sp.	.	.	.	X	.
CYATHEACEAE					
<i>Alsophila elegans</i> Mart.	.	.	.	X	.
<i>Cyathea arborea</i> (L.) J.E. Smith	.	.	.	X	.
CYPERACEAE					
<i>Cyperus brevifolius</i> (Rottb.) Steud.	X
<i>Cyperus eragrostis</i> Lam.	X
<i>Cyperus ferax</i> L.C. Rich	X
<i>Cyperus luzulae</i> Retz.	X
<i>Dichromena consanguinea</i>	.	X	.	.	.
<i>Fimbriatylys miliacea</i> (L.) Vahl.	X
<i>Lagenocarpus rigidus</i> Nees	.	X	X	.	.
<i>Rhynchospora aurea</i> Vahl.	.	X	.	.	.
<i>Rhynchospora consanguinea</i>	.	X	X	.	.
<i>Scleria pterota</i> Presl.	X
DENNISTAEDTIACEAE					
<i>Pteridium aquilinum</i> (L.) Kuhn.	X

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
DILLENACEAE					
<i>Davilla elliptica</i>	x
<i>Davilla rugosa</i> Poir.	.	.	.	x	.
DIOSCORIACEAE					
<i>Dioscorea cynanchifolia</i> Gris.	.	.	.	x	.
ERYTHROXYLACEAE					
<i>Erythroxylum suberosum</i> St. Hil.	x
EUPHORBIACEAE					
<i>Chamaesyce hirta</i> (L.) Millip.	x
<i>Croton argyrophylus</i> M. Arg.	x
<i>Croton campestris</i>	.	x	.	.	.
<i>Croton floribundus</i> M. Arg.	.	.	.	x	.
<i>Croton geraensis</i> Wekter	.	x	.	.	.
<i>Croton glandulosus</i> (L.) M. Arg.	.	x	.	.	.
<i>Croton lobatus</i> L.	.	.	.	x	.
<i>Croton siderophyllus</i> Baill.	.	.	x	.	.
<i>Croton urucurana</i> Baill.	.	.	.	x	.
<i>Euphorbia brasiliensis</i> L.	x
<i>Euphorbia gracilis</i> L.	x
<i>Euphorbia hirta</i> L.	x
<i>Euphorbia prostata</i> Ait.	x
<i>Euphorbia splendens</i>	x
<i>Julocroton furcescens</i> Spreng.	.	x	.	.	.
<i>Mabea fistulifera</i> Mart.	.	.	.	x	.
<i>Manihot gracilis</i> Pohl.	.	x	.	.	.
<i>Maprounea brasiliensis</i> St. Hil.	x
<i>Pedilanthus tithymaloides</i>	x
<i>Phyllanthus</i> sp.	.	x	.	.	.
<i>Ricinus communis</i> L.	x
<i>Sapium biglandulosum</i> Mart.
<i>Sebastiania bidentata</i> (Mart.) Pax.	.	.	x	.	.
FABACEAE					
<i>Aeschynomene falcata</i> (Poir.) DC.	x
<i>Aeschynomene paniculata</i> Vog.	x
<i>Andira humilis</i> Benth.	x
<i>Bowdichia virgilioides</i> H.B.K.	.	.	.	x	.
<i>Camptosema coriaceum</i> (Nees et Mart.) Benth.	x
<i>Camptosema scarlatinum</i> Benth.	x
<i>Centrolobium robustum</i> Benth.	.	.	.	x	.
<i>Centrosema arenarium</i> Benth.	x
<i>Centrosema coriaceum</i> Benth.	x
<i>Chaetocalyx</i> sp.	.	.	.	x	.
<i>Crotalaria incana</i> L.	x
<i>Crotalaria lanceolata</i>	x
<i>Crotalaria mucronata</i> Desv.	x
<i>Crotalaria spectabilis</i> Roth.	x

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
FABACEAE					
<i>Crotalaria verpertilio</i> Benth.	x
<i>Crotalaria unifoliolata</i>	x
<i>Dalbergia violacea</i> Vog.	x
<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	x
<i>Desmodium incanum</i> DC.	x
<i>Desmodium crinitum</i> (H.B.K.) Mey	.	x	.	.	.
<i>Galactia rhynchosoides</i> St. Hil.	.	x	.	.	.
<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill.	x
<i>Indigofera truxillensis</i>	x
<i>Lupinus laevigatus</i> Benth.	.	.	x	.	.
<i>Lupinus comptus</i> Benth.	.	x	.	.	.
<i>Machaerium acutifolium</i> Vog.	x
<i>Machaerium erythroloma</i> (Mart. ex Benth.) Urban	.	.	.	x	.
<i>Machaerium nictitans</i> (Vell.) Benth.	x
<i>Machaerium opacum</i> Vog.	x
<i>Macroptilium</i> sp.	.	x	.	.	.
<i>Ormosia arborea</i>
<i>Periandra</i> sp.	.	.	x	.	.
<i>Platycyamus regnelli</i> Benth.	.	.	.	x	.
<i>Rhynchosia corymbosa</i>	.	x	.	.	.
<i>Rhynchosia minima</i> DC.	x
<i>Stylosanthes gracilis</i> H.B.K.	x
<i>Stylosanthes guianensis</i> (Aubl.) Sw.	x	.	.	x	.
<i>Stylosanthes scabra</i> Vog.	x
<i>Stylosanthes viscosa</i> Sw.	x
<i>Zornia latifolia</i> Sm.	x
FLACOURTIACEAE					
<i>Casearia arborea</i> (Rich.) Urban.	.	.	.	x	.
<i>Casearia grandiflora</i> Camb.	.	.	.	x	.
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	x
GENTIANACEAE					
<i>Dejanira erubescens</i> Cham. et Schl.	.	.	x	.	.
<i>Dejanira pallescens</i> Cham. et Schl.	x	.	x	.	.
<i>Irlbachia coeruleascens</i> (Aubl.) Gris.	x	.	x	.	.
GESNERIACEAE					
<i>Gesnera bulbosa</i> Ker-Grawl.	.	.	x	.	.
<i>Gesnera rupicola</i> Mart.	.	.	x	.	.
<i>Paliavana prasinata</i>	.	.	x	.	.
GLEICHENIACEAE					
<i>Gleichenia bifida</i> (Willd.) Spreng.	.	.	.	x	.
<i>Gleichenia flexuosa</i> (Schrad.) Mett.	.	.	.	x	.
<i>Gleichenia furcata</i> (L.) Spreng.	.	.	.	x	.
<i>Gleichenia rigida</i> Sw.	.	.	.	x	.

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
GRAMINAE					
<i>Andropogon bicornis</i> L.	X
<i>Andropogon leucostachys</i> H.B.K.	X
<i>Aristida adscencionis</i> L.	X	X	.	.	.
<i>Aristida pallens</i> Cav.	X	X	.	.	.
<i>Axonopus aureus</i> (H.B.K.) Beauv.	X	X	.	.	.
<i>Axonopus barbigerus</i> (Kunth.) Hitch.	.	X	.	.	.
<i>Axonopus canaliculatus</i> (Nees) Hublm.	.	X	.	.	.
<i>Ctenium cyrrhosum</i> (Nees) Kunth.	X	X	.	.	.
<i>Echinolaena inflexa</i> (Poir.) Chase	X
<i>Eragrostis</i> sp.	.	X	.	.	.
<i>Hyparrhenia rufa</i> (Nees) Stapf.	X	.	.	.	X
<i>Imperata brasiliensis</i> Trin.	X
<i>Mesosetum ferrugineum</i> (Trin.) Chase	X	.	X	.	.
<i>Olyra latifolia</i> L.	.	.	.	X	.
<i>Panicum rectissimum</i> Mez.	.	X	.	.	.
<i>Panicum sciurotes</i> Trin.	.	X	.	.	.
<i>Paspalum blepharophorum</i> Steud.	X
<i>Paspalum cordovense</i> Raddi.	.	X	.	.	.
<i>Paspalum falcatum</i> Nees	.	X	.	.	.
<i>Paspalum notatum</i> Flugge	X
<i>Paspalum polyphyllum</i> Nees	.	X	.	.	.
<i>Rhynchelitrum repens</i> (Willd.) Hubbard.	X
<i>Setaria geniculata</i> (Lam.) Beauv.	X
<i>Setaria onurus</i> Lam.	.	X	.	.	.
GUTTIFERAE					
<i>Kielmeyera angustifolia</i> Mart.	X	.	X	.	.
<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart.	X
<i>Kielmeyera variabilis</i> Mart.	X	.	X	.	.
ICACINACEAE					
<i>Emmotum nitens</i> Tul.	X
LABIATAE					
<i>Hyptis brevipes</i> Poit.	X
<i>Hyptis cana</i> Pohl. ex Benth.	X
<i>Hyptis coccinea</i> Mart.	.	.	X	.	.
<i>Hyptis complicata</i> Mart.	.	.	X	.	.
<i>Hyptis corymbosa</i> Benth.	.	.	X	.	.
<i>Hyptis crinita</i> Benth.	X
<i>Hyptis glometara</i> Mart.	X
<i>Hyptis lanceolata</i> Poit.	.	.	X	.	X
<i>Hyptis lophanta</i> Mart. ex Benth.	X
<i>Hyptis lutescens</i> Pohl. ex Benth.	.	.	X	.	.
<i>Hyptis nudicaulis</i> Benth.	.	.	X	.	.
<i>Hyptis rotundifolia</i> Benth.	.	X	X	.	.
<i>Hyptis rubiginosa</i> Benth.	.	.	X	.	.

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
LABIATAE					
<i>Hyptis suaveolens</i> Poit.	.	.	.	x	x
<i>Leonotis nepetaefolia</i> L.	x
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	x
<i>Salvia coccinea</i> Juss.	x
<i>Stachys arvensis</i> L.	.	.	x	.	.
	x
LAURACEAE					
<i>Nectandra nitidula</i> Nees	.	.	.	x	.
<i>Ocotea ferruginea</i> Mez.	.	.	.	x	.
<i>Ocotea lanceolata</i> (Nees) Mez	.	.	.	x	.
<i>Ocotea puberula</i> Mart.	.	.	.	x	.
<i>Ocotea umbrosa</i> Mart. et Nees	.	.	.	x	.

LECYTHIDACEAE					
<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi.) O. Kuntze	.	.	.	x	.
LILIACEAE					
<i>Nothoscordum fragrans</i> L.	x
<i>Trimezia</i> sp.	x
LOBELIACEAE					
<i>Lobelia</i> sp.	.	.	.	x	.
<i>Laurentia longiflora</i> (L.) Endl.	x
LOGANIACEAE					
<i>Budleya brasiliensis</i> Jacq.	x
<i>Spigelia</i> sp.	.	.	x	.	.
LORANTHACEAE					
<i>Phorandendron crassifolium</i> (Pohl. ex DC.) Eich.	x
<i>Psitacanthus robustus</i> Mart.	x
<i>Struthanthus concinnus</i> Mart.	x
<i>Struthanthus flexicaulis</i> Mart.	x
<i>Struthanthus marginatus</i> (Desr.) Blume	x

LYCOPODIACEAE					
<i>Lycopodiella alopecurioides</i>	.	.	.	x	.
<i>Lycopodiella cernuun</i>	.	.	.	x	.
<i>Lycopodiella clavatum</i>	.	.	.	x	.
<i>Lycopodiella pendulinum</i>	.	.	.	x	.
LYTHRACEAE					
<i>Cuphea acinos</i> St. Hil.	.	.	x	.	.
<i>Cuphea balsamona</i> Cham.	x	.	x	.	.
<i>Cuphea alophylla</i> Cham. et Schl.	.	.	x	.	.

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
LYTHRACEAE					
<i>Cuphea ericoides</i> Cham. et Schl.	.	.	x	.	.
<i>Cuphea diosmaefolia</i> St. Hil.	x
<i>Cuphea fuchsaeifolia</i> St. Hil.	.	.	x	.	.
<i>Cuphea ingrata</i> Cham. et Schl.	.	.	x	.	.
<i>Cuphea lutescens</i> Hoehne	.	.	x	.	.
<i>Cuphea thymoides</i> Cham. et Schlcht.	.	.	x	.	.
<i>Diplusodon buxifolius</i> Pohl.	x
<i>Diplusodon serpilifolius</i>	.	.	x	.	.
<i>Diplusodon vilosissimus</i> Pohl.	.	.	x	.	.
<i>Diplusodon virgatus</i> Pohl.	.	.	x	.	.
MALPIGHIACEAE					
<i>Banisteriopsis argyrophylla</i> Adr. Juss.	x
<i>Banisteriopsis campestris</i> (Juss.) And Gates	x
<i>Banisteriopsis pubipetala</i> (Adr. Juss.) Cuatr.	x	x	.	.	.
<i>Banisteriopsis stellaris</i> (Gris.) Gates	x	x	.	.	.
<i>Byrsonima basiloba</i> Juss.	x
<i>Byrsonima crassa</i> Nied.	x
<i>Byrsonima coccolobifolia</i> (Spreng.) Kunth.	x
<i>Byrsonima dealbata</i> Gris.	.	x	.	.	.
<i>Byrsonima intermedia</i> Adr. Juss.	x
<i>Byrsonima variabilis</i> Juss.	x
<i>Byrsonima verbascifolia</i> Juss.	x
<i>Byrsonima subterranea</i> Brade & Marcgraf.	x	x	.	.	.
<i>Camarea affinis</i> St. Hil.	x	x	.	.	.
<i>Camarea ericoides</i> St. Hil.	x	x	.	.	.
<i>Camarea hirsuta</i> St. Hil.	x	x	.	.	.
<i>Galphimia brasiliensis</i> (L.) Juss.	.	.	x	.	.
<i>Mascagnia microphylla</i> Juss.	.	x	.	.	.
<i>Peixotoa cordistipula</i> Juss.	x
<i>Peixotoa tomentosa</i> Juss.	x	x	.	.	.
<i>Tetrapteris</i> sp.	.	x	.	.	.
MALVACEAE					
<i>Malvastrum coromandelianum</i> (L.) Gaertn.	x
<i>Malvaviscus penduliflorum</i> L.	x
<i>Pavonia rosa-campestris</i> A. Juss.	x	.	x	.	.
<i>Pavonia sessilifolia</i>	x
<i>Sida alba</i> L.	x	x	.	.	.
<i>Sida carpinifolia</i> L.	x
<i>Sida caudata</i> L.	x
<i>Sida cordifolia</i> L.	x
<i>Sida glaziovii</i> K. Schum.	x
<i>Sida linifolia</i> L.	x
<i>Sida rhombifolia</i> L.	x
<i>Sida spinosa</i>	x
<i>Sida urens</i> L.	x

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
MALVACEAE					
<i>Sida viarum</i> St. Hil.	x
<i>Sidastrum micranthum</i> (St. Hil.) Fryxell	x
<i>Sidastrum paniculatum</i> (L.) Fryxell	x
<i>Urena lobata</i> L.	x
<i>Wissadula amplissima</i>	x
<i>Wissadula subpeltata</i> (Kunth.) Fries.	x
MARCGRAVIACEAE					
<i>Norantea</i> sp.	.	.	x	.	.
MELASTOMATACEAE					
<i>Acisanthera variabilis</i> (Mart. et Schr.) Triana	.	.	x	.	.
<i>Cambessedesia adamantinum</i> (St. Hil.) DC.	.	.	x	.	.
<i>Cambessedesia espora</i> DC.	.	x	x	.	.
<i>Cambessedesia hilaireana</i> St. Hil.	.	.	x	.	.
<i>Cambessedesia rugosa</i> (Lurcz) Cogn.	.	.	x	.	.
<i>Clidemia hirta</i> (L.) D. Don.	.	.	x	.	.
<i>Heteropteris umbellata</i> A. Juss.	.	x	x	.	.
<i>Lavoisiera alba</i> (Mart. et Sch.) DC.	.	x	x	.	.
<i>Leandra aurea</i> Cogn.	.	x	x	.	.
<i>Leandra cancellata</i> Cogn.	.	x	.	.	.
<i>Leandra rostrata</i> (Mart. et Schr.) Cogn.	.	x	.	.	.
<i>Leandra umbellata</i> (Schum et Mart.) DC.	.	x	.	.	.
<i>Marcetia fastigiata</i> Cogn.	.	x	.	.	.
<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	x
<i>Miconia chamissonis</i> Naud.	x
<i>Miconia ligustroides</i> (DC.) Naud.	.	.	.	x	.
<i>Miconia macrothyrsa</i> Benth.	x
<i>Miconia hispida</i> Cogn.	x
<i>Miconia paniculata</i> Naud.	.	.	.	x	.
<i>Miconia pepericarpa</i> DC.	.	.	.	x	.
<i>Miconia revoluta</i> Miq.	.	.	.	x	.
<i>Miconia rubiginosa</i> (Bompl.) DC.	.	.	.	x	.
<i>Miconia theaezans</i> Cogn.	x
<i>Microlicia curralensis</i> Brade.	.	.	x	.	.
<i>Microlicia fasciculata</i> Mart.	.	.	x	.	.
<i>Microlicia martiana</i> Berg.	.	x	x	.	.
<i>Rhynchanthera</i> sp.	.	x	.	.	.
<i>Tibouchina candolleana</i> Cogn.	.	.	.	x	.
<i>Tibouchina cardinalis</i> Cogn.	.	.	.	x	.
<i>Tibouchina estrellensis</i> Cogn.	.	.	x	.	.
<i>Tibouchina gracilis</i> (Bompl.) Cogn.	.	.	x	.	.
<i>Tibouchina granulosa</i> (Desk.) Cogn.	.	.	.	x	.
<i>Tibouchina hieracioides</i> Cogn.	.	.	x	.	.
<i>Tibouchina mello-barretoii</i> Brade	.	.	.	x	.
<i>Tibouchina multiflora</i> (Gradn.) Cogn.	.	.	.	x	.
<i>Tibouchina sellowiana</i> Cogn.	.	.	.	x	.
<i>Tibouchina stenocarpa</i> (Schr. et Mart.) Cogn.	.	.	.	x	.

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
MELIACEAE					
<i>Cabralea cangerana</i> (Mart.) A. DC.	.	.	.	x	.
<i>Cabralea polytricha</i> Sald.	x
<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	.	.	.	x	.
MENISPERMACEAE					
<i>Cissampelos</i> sp.	x
MIMOSACEAE					
<i>Acacia paniculata</i> Willd.	.	.	.	x	.
<i>Acacia plumosa</i> Lowe	.	.	.	x	.
<i>Acacia podalariaefolia</i>	x
<i>Anadinanthera macrocarpa</i> (Benth) Brenan	.	.	.	x	.
<i>Calliandra dysantha</i> Benth.	x
<i>Calliandra</i> sp.	.	.	x	.	.
<i>Desmanthus virgatus</i> Benth.	x
<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) Macbr.	.	.	.	x	.
<i>Inga affinis</i> Benth.	.	.	.	x	.
<i>Inga marginata</i> Willd.	.	.	.	x	.
<i>Mimosa calothamos</i> Mart.	.	.	x	.	.
<i>Mimosa invisá</i> Mart.	x
<i>Mimosa pudica</i> L.	x
<i>Mimosa rixosa</i>	x
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	x
MONIMIACEAE					
<i>Siparuna cuyabana</i> (Mart.) A.P. DC.	.	.	.	x	.
MORACEAE					
<i>Cecropia hololeuca</i> Miq.	.	.	.	x	.
<i>Cecropia lyratiloba</i> Mart.	.	.	.	x	.
<i>Cecropia pachystachia</i> Tréc.	.	.	.	x	.
<i>Chlorophora tinctoria</i> (L.) Gaud.	.	.	.	x	.
<i>Ficus</i> sp.	.	.	.	x	.
MYRSINACEAE					
<i>Rapanea gardneriana</i>
MYRTACEAE					
<i>Campomanesia adamantinum</i> (Camb.) Berg.	x
<i>Campomanesia pubescens</i> (DC.) Berg.	x
<i>Campomanesia</i> sp.	.	.	x	.	.
<i>Myrcia guajavaefolia</i> Mart.	.	.	x	.	.
<i>Psidium cinereum</i> Mart.	x

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
NYCTAGINACEAE					
<i>Mirabilis jalapa</i> L.	x
<i>Neea theifera</i> Oerst.	.	.	x	.	.
OCHNACEAE					
<i>Luxemburgia octandra</i> St. Hil.	.	x	.	.	.
<i>Ouratea spectabilis</i> (Mart.) Engl.	x
ONAGRACEAE					
<i>Ludwigia latifolia</i> (Benth.) Hara	x
<i>Ludwigia nervosa</i> (Poir.) Hara	x
<i>Ludwigia suffruticosa</i> (L.) Hara	x
ORCHIDACEAE					
<i>Epidendrum ellipticum</i> Lindl.	.	.	x	.	.
<i>Habenaria</i> sp.	.	.	x	.	.
<i>Oncidium gracile</i> Lindl.	.	.	x	.	.
<i>Pleurothallis rupestris</i> Lindl.	.	.	x	.	.
OSMUNDACEAE					
<i>Osmunda palustris</i> Schrader	.	.	.	x	.
OXALIDACEAE					
<i>Oxalis barrelieri</i> L.	x
<i>Oxalis hirsutissima</i> Mart. et Zucc.	x
PALMAE					
<i>Acrocomia aculeata</i> (Mart.) Loddiges	.	.	.	x	.
PASSIFLORACEAE					
<i>Passiflora gardneri</i> Mast.	.	.	.	x	.
<i>Passiflora pohlii</i> Mast.	x
<i>Passiflora serrato-digitata</i>	.	.	.	x	.
<i>Passiflora tricuspis</i> Mast.	.	.	.	x	.
PHYTOLLACACEAE					
<i>Microtea paniculata</i> Moq.	.	.	x	.	.
<i>Phytollaca thyrsoiflora</i> Fenzl. ex Schum.	.	.	x	.	.
PIPERACEAE					
<i>Ottonia anisum</i> Spreng.	.	.	.	x	.
<i>Piper aduncum</i> L.	.	.	.	x	.
<i>Piper arboreum</i> Aubl.	.	.	.	x	.
<i>Pothomorphe peltata</i> Miq.	.	.	.	x	.
<i>Pothomorphe umbellata</i>	.	.	.	x	.

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
PLANTAGINACEAE					
<i>Plantago tomentosa</i> L.	x
<i>Plantago major</i> L.	x
POLYGALACEAE					
<i>Polygala densiflora</i> St. Hil.	x
<i>Polygala fimbriata</i> Benn.	.	.	x	.	.
<i>Polygala gallioides</i> Poir.	.	.	x	.	.
<i>Polygala lanifolia</i> St. Hil. et Moq.	.	.	.	x	.
<i>Polygala longicaulis</i> H.B.K.	.	.	x	.	.
<i>Polygala paniculata</i> L.	x
<i>Polygala stricta</i> St. Hil.	.	.	x	.	.
<i>Polygala tenuis</i> DC.	x	.	x	.	.
<i>Polygala timoutou</i> Aubl.	.	x	x	.	.
<i>Polygala violacea</i> Aubl.	.	.	x	.	x
POLYGONACEAE					
<i>Polygonum</i> sp.	x
POLYPODIACEAE					
<i>Elaphoglossum</i> sp.	.	.	.	x	.
<i>Polypodium aureum</i> Lowe.	.	.	.	x	.
PORTULACACEAE					
<i>Portulaca oleracea</i> L.	x
RHANNACEAE					
<i>Colubrina rufa</i> Reiss.	.	.	.	x	.
<i>Reissekia smilacina</i> Endl.	.	.	.	x	.
ROSACEAE					
<i>Rubus brasiliensis</i> Mart.	.	.	.	x	.
<i>Rubus rossifolius</i> Smith.	.	.	.	x	.
<i>Rubus urticaefolius</i> Poir.	.	.	.	x	.
RUBIACEAE					
<i>Alibertia concolor</i> (Cham.) Schum.	.	.	.	x	.
<i>Bathysa australis</i> St. Hil.	.	.	.	x	.
<i>Borreria latifolia</i> Schum.	x
<i>Borreria capitata</i> (Ruiz et Pav.) DC.	x
<i>Borreria eryngioides</i> Cham. et Schlech.	.	.	x	.	.
<i>Borreria saxicola</i> krause	.	.	x	.	.
<i>Borreria suaveolens</i> G.F.W. Meyer	x
<i>Borreria verbenoides</i>	x
<i>Borreria verticillata</i> (L.) G.F.W. Meyer	x
<i>Borreria warmingii</i> Schum.	.	.	x	.	.

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
RUBIACEAE					
<i>Coccosypselum</i> sp.	.	.	.	X	.
<i>Declieuxia cordigera</i> Mart.	.	X	X	.	.
<i>Declieuxia fruticosa</i> (Willd. ex Roccar & Schultz) Kuntze	.	X	X	.	.
<i>Diodia teres</i> Walt.	X
<i>Mannetia ignita</i> K. Schum.	.	X	.	.	.
<i>Palicourea marcgravii</i> St. Hil.	.	.	.	X	.
<i>Palicourea rigida</i> H.B.K.	X
<i>Relbunium lutescens</i> L.	.	X	.	.	.
<i>Richardia brasiliensis</i> Gomez	X
<i>Richardia scabra</i> L.	X
<i>Rudgea virbunioides</i> Benth.	X
<i>Rustia formosa</i> Mart.	.	.	.	X	.
<i>Sabicea brasiliensis</i> Wern.	X
RUTACEAE					
<i>Dictyoloma incanescens</i> DC.	X
<i>Esembeckia leiocarpa</i>	.	.	.	X	.
<i>Rhabdodendron denudatus</i> Epling.	.	.	X	.	.
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	.	.	.	X	.
SAPINDACEAE					
<i>Serjania</i> sp.	.	.	.	X	.
SAPOTACEAE					
<i>Pouteria torta</i> Radlk.	X
SCHYZEACEAE					
<i>Animia elegans</i> (Gardn.) Pr.	X
<i>Animia flexuosa</i> (Savy) Swartz.	X
<i>Animia fulva</i> Sw.	X
<i>Anemia phyllitidis</i>	X
<i>Lygodium polymorphum</i> (Cav.) H.B.K.	.	.	.	X	.
<i>Lygodium volubilis</i> L.	.	.	.	X	.
SCROPHULARIACEAE					
<i>Esterrhazia splendida</i> Mikan	X	.	X	.	.
<i>Verbascum trapsus</i> L.	X
SIMAROUBACEAE					
<i>Picramnia campestre</i>	X
SMILACACEAE					
<i>Smilax</i> sp.	X

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Continua)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
SOLANACEAE					
<i>Acnistus arborescens</i> (L.) Schlecht.	x
<i>Brugmansia arborea</i> L.	x
<i>Brunfelsia brasiliensis</i> (Spreng.) Smith. & Downs	.	.	.	x	.
<i>Datura stramonium</i> L.	x
<i>Nicandra physaloides</i> L.	x
<i>Nicotiana tabacum</i> L.	x
<i>Solanum aculeatissimum</i> Jacq.	x
<i>Solanum lycocarpum</i> St. Hil.	x	.	.	.	x
<i>Solanum mauritianum</i> Scop.	x
<i>Solanum paniculatum</i> L.	x
<i>Solanum refractifolium</i> Lam.	.	.	x	.	.
<i>Solanum paniculatum</i> L.	x
<i>Solanum sisymbriifolium</i> Lam.	x
STYRACACEAE					
<i>Styrax camporum</i> Pohl.	x
<i>Styrax ferrugineus</i> Nees et Mart.	x
<i>Styrax martii</i> Seub.	.	.	.	x	.
STERCULIACEAE					
<i>Buttneria sagitifolia</i>	x
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	x	.	.	x	.
<i>Helicteres sacarolha</i> St. Hil.	x
<i>Waltheria indica</i> L.	x
TILIACEAE					
<i>Corchorus hirtus</i> L.	x
<i>Luehea grandiflora</i> Mart.	x	.	.	x	.
<i>Luehea paniculata</i> Mart.	.	.	.	x	.
<i>Triumfetta semitriloba</i> Jacq.	x
TYPHACEAE					
<i>Typha angustifolia</i> L.	x
ULMACEAE					
<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	.	.	.	x	.
UMBELLIFERAE					
<i>Eryngium pristis</i> Cham. et Schlicht.	.	x	.	.	.
<i>Hydrocotyle umbellata</i> L.	x
URTICACEAE					
<i>Urera baccifera</i> (L.) Grudish.	.	.	.	x	.

Família / Nome Científico	Formação Vegetal (Conclusão)				
	Cerrado	Campo Limpo	Campo Rupestre	Mata	Formações Antrópicas
VELLOZIACEAE					
<i>Barbacenia</i> sp.	.	.	x	.	.
<i>Vellozia glabra</i> Mikan.	.	.	x	.	.
<i>Vellozia variabilis</i> Mart.	.	.	x	.	.
VERBENACEAE					
<i>Lantana brasiliensis</i> Link.	.	.	.	x	.
<i>Lantana camara</i> L.	x
<i>Lantana lilacina</i> Desf.	x
<i>Lantana tiliaefolia</i> Cham.	.	x	.	.	.
<i>Lippia affinis</i> Cham.	.	x	.	.	.
<i>Lippia candida</i> Cham.	.	x	.	.	.
<i>Lippia florida</i> Cham.	.	x	.	.	.
<i>Lippia lupulina</i> Cham.	.	x	.	.	.
<i>Lippia oxynemis</i> Cham.	.	.	x	.	.
<i>Salpinghia</i> sp.	x
<i>Stachytarphetta glabra</i> Cham.	.	.	x	.	.
<i>Stachytarphetta sellowiana</i> Schauer.	.	.	x	.	.
<i>Verbena bonariensis</i> L.	x
VITACEAE					
<i>Cissus campestris</i> Baker	.	.	.	x	.
<i>Cissus erosa</i> (L.) Rich.	.	.	.	x	.
VOCHYSIACEAE					
<i>Qualea elliptica</i> (Spr.) Mart.	x
<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	x
<i>Vochysia elliptica</i> (Spr.) Mart.	x
<i>Vochysia thyrsoidea</i> Pohl.	x
<i>Vochysia tucanorum</i> (Spr.) Mart.	.	.	.	x	.
WINTERACEAE					
<i>Drymis brasiliensis</i> Miers.	.	.	.	x	.
XYRIDACEAE					
<i>Xyris</i> sp.	.	x	.	.	.
ZINGIBERACEAE					
<i>Costus spiralis</i> Roscoe	x
<i>Hedychium coronarium</i> Koenig.	x

NOTA: x – Indica ocorrência; . – Indica ocorrência não constatada até o presente momento.

Fauna

Com referência aos mamíferos, é importante observar o baixo grau de endemismo destes em relação ao Cerrado, pois os animais que freqüentam tal ambiente, são geralmente encontrados em outros biomas, como a Mata Atlântica (Sick, 1965, 1985). Os pequenos mamíferos possuem, na maioria das vezes, acentuado sinantropismo, o que facilita sua adaptação em ambientes alterados pela ação antrópica.

Este sinantropismo não ocorre com a maioria dos médios e grandes mamíferos, que possuem amplo território e não se acomodam facilmente ao isolamento imposto por estes ecossistemas insulares observados na Serra do Curral (Fonseca, 1981).

Os répteis em geral mostram-se adaptados a diversos tipos de formações, e a maioria pode viver em áreas alteradas pelo homem.

Quanto às aves, estas demonstram ser típicas de matas e cerrados. Algumas se adaptam a formações abertas e possuem grande plasticidade ambiental, sendo inclusive observadas em áreas alteradas pelo homem e próximas a aglomerados urbanos. A seguir estão relacionados os componentes da fauna terrestre e alada da Serra do Curral.

MASTOFAUNA**ORDEM — MARSUPIALIA**

Didelphis albiventris
Marmosa agilis
Marmosa incana
Monodelphis sp.

ORDEM — RODENTIA

Akodon cursor
Dasyprocta sp.
Hidrochaeris hidrochaeris
Oryzomys subflavus
Rhipidomys mastacalis
Sciurus aestuans
Nectomys squamipes
Kerodon rupestris
Cavia sp.

ORDEM — CARNIVORA

Dusicyon sp.
Nasua nasua
Procyon cancrivorus
Felis pardalis

ORDEM — EDENTATA

Tamandua tetradactyla
Euphractus sexcinctus
Cabassous sp.
Dasyurus sp.

ORDEM — LAGOMORPHA

Sylvilagus brasiliensis

ORDEM — PRIMATES

Callithrix sp.

FAUNA REPTILIANA**ORDEM — SQUAMATA**

Ameiva ameiva
Tropidurus gr. *torquatus*
Tupinambis teguixim
Smophis sp.
Spillotes sp.
Bothrops sp.
Crotalus durissus

AVIFAUNA**FAMÍLIA — TINAMIDAE**

Crypturellus parvirostris

CATHARTIDAE

Coragyps atratus

ACCIPITRIDAE

Buteo magnirostris

FALCONIDAE

Milvago chimachima
Falco sparverius

CARIAMIDAE

Cariama cristata

COLUMBIDAE

Columbina talpacoti
Scardafella squammata
Leptotila verreauxi

ORDEM — CUCULIDAE

Piaya cayana
Crotophaga ani
Guira guira
Tapera naevia

TYTONIDAE

Tyto alba

STRIGIDAE

Glaucidium brasilianum

Athene cunicularia

CAPRIMULGIDAE

Nyctidromus albicollis

APODIDAE

Chaetura andrei

TROCHILIDAE

Phaethornis pretrei

Eupetomena macroura

Amazilia lactea

GALBULIDAE

Galbula ruficauda

BUCCONIDAE

Nystalus chacuru

Melacoptila striata

PICIDAE

Picumus cirratus

Colaptes campestris

Colaptes melanochlorus

DENDROCOLAPTIDAE

Lepdocolaptes angustirostris

FURNARIIDAE

Furnarius rufus

Synallaxis spixi

Synallaxis frontalis

Phacellodomus rufifrons

FORMICARIIDAE

Taraba major

COTINGIDAE

Pachyramphus polychopterus

TYRANNYDAE

Colonia colonus

Xolmis cinerea

Fluvicola nengeta

Tyrannus savana

Tyrannus melancholicus

Tyrannus albogularis

Empidonomus varius

Megarhynchus pitangua

Myiodinastes maculatus

Myiozetetes similis

Pitangus sulphuratus

Myiophobus fasciatus

Tolmomyias sulphurescens

Todirostrum poliocephalum

Serpophaga subcristata

Elaenia flavogaster

Captostoma osoletum

HIRUNDINIDAE

Progne chalibe

Notiochelidon cyanoleuca

Stelgidopterys ruficollis

CORVIDAE

Cyanocorax cristatella

TROGLODYTIDAE

Troglodytes aedon

MIMIDAE

Mimus saturninus

TURDIDAE

Turdus rufiventris

Turdus leucomelas

VIREONIDAE

Cyclarhis gujanensis

Vireo chivi

ICTERIDAE

Holothrus bonariensis

Gnorimopsar chopi

PARULIDAE

Basileuterus hypoleucus

COEREBIDAE

Coereba flaveola

THRAUPIDAE

Tangara cayana
Thraupis sayaca

FRINGILLIDAE

Saltador similis
Volatinia jacarina
Amodramus humeralis

- RIZZINI, C.T. **Árvores e madeiras úteis do Brasil: manual de dendrologia brasileira.** São Paulo: USP, 1971b. 294p.
- RIZZINI, C.T. Contribuição ao conhecimento do cerrado. **Brasil Florestal**, Brasília, v.6, n.22, p.3-151, 1975.
- RIZZINI, C.T. Nota prévia sobre a divisão fitogeográfica do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.25, n.1, p.3-64, jan./mar. 1963.
- SICK, H. A fauna do cerrado. **Arquivos de Zoologia**, São Paulo, v.12, 1965.
- SICK, H. **Ornitologia brasileira: uma introdução.** Brasília: UnB, 1985.
- VERTENTE ASSESSORIA E CONSULTORIA LTDA. (Belo Horizonte, MG). **Grupo Mineiro de Ouro Preto, ALCAN – recuperação de áreas: relatório final.** Belo Horizonte, 1991. 122p.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, G.V. Notas sobre o sítio e a posição de Belo Horizonte. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n.17, p.9-28, dez. 1967.
- BRANDÃO, M.; GAVILANES, M.L. Mais uma contribuição para o conhecimento da Cadeia do Espinhaço em Minas Gerais (Serra da Piedade) – II. **Daphne**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.26-43, out. 1990.
- BRANDÃO, M. et al. Contribuição para o conhecimento da Cadeia do Espinhaço em Minas Gerais (Serra do Itabirito) – III. **Daphne**, Belo Horizonte, v.1, n.3, p.41-50, abr. 1991.
- COPASA (Belo Horizonte, MG). **Levantamento qualitativo e quantitativo da mastofauna de pequeno e médio porte não voadora da área de proteção da captação do Mutuca e Barreiro.** Belo Horizonte, 1990. 32p. Mimeografado.
- COSTA, C.C.C. et al. **Fauna do cerrado: lista preliminar de aves, mamíferos e répteis.** Rio de Janeiro: SUPREN, 1981.
- DAM PROJETOS ENGENHARIA (Belo Horizonte, MG). **Ampliação da lava da Fazenda do Barreiro – ICAL: relatório final de impacto ambiental.** Belo Horizonte, 1991a. 170p.
- DAM PROJETOS ENGENHARIA (Belo Horizonte, MG). **Ponto Verde Mineração Ltda. relatório final de impacto ambiental.** Belo Horizonte, 1991b. 112p.
- FONSECA, G.A.B. Biogeografia insular aplicada a conservação. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.43, n.3, p.383-398, jul./set. 1981.
- GAVILANES, M.L.; BRANDÃO, M. Flórua da Reserva Biológica Municipal de Poço Bonito, Lavras, MG: formação cerrado. **Daphne**, Belo Horizonte, v.1, n.4, p.24-31, jul.1991.
- MINERAÇÕES BRASILEIRAS REUNIDAS (Belo Horizonte, MG). **Levantamento preliminar de fauna de vertebrados da Reserva do Tumbá: relatório final.** Belo Horizonte, 1989. 120p.
- NATRON CONSULTORIA E PROJETOS LTDA (Belo Horizonte, MG). **Unidade de coqueamento retardado da Regap – PETROBRÁS: relatório parcial de impacto ambiental.** Belo Horizonte, 1991. 320p.
- PLAMBEL (Belo Horizonte, MG). **O meio natural no processo de organização do espaço na região metropolitana de Belo Horizonte.** Belo Horizonte, 1984. 59p.
- RIAD - CHAMMAS ENGENHARIA E GEOTECNIA LTDA (Belo Horizonte, MG). **Trecho Norte da Ferrovia do Aço, sub-trecho Jeceaba - Itabirito – RFFSA: relatório final.** Belo Horizonte, 1992. 102p.
- RIZZINI, C.T. Árvores e arbustos do cerrado. **Rodriguésia**, Rio de Janeiro, v.26, n.38, p.63-77. 1991a.

PLANTAS MEDICAMENTOSAS DE USO POPULAR COLETADAS E COMERCIALIZADAS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

PIO VERÍSSIMO DA SILVA FILHO e MÍTZI BRANDÃO

SUMÁRIO: Foi feito um levantamento na cidade de Belo Horizonte do material botânico usado como ingrediente para a confecção de remédios populares e vendido no mercado municipal, nas feiras e por vendedores ambulantes. Essas plantas originam-se dos Cerrados, Campos e matas ribeirinhas nativas na região de Belo Horizonte, em sua maioria. É apresentada uma relação das plantas comercializadas e partes usadas, com os nomes vulgares, científicos e aplicações na medicina popular.

SUMMARY: A research was done among the popular vendors of medicinal plants in the municipal market, street and fair salesmen to check out which kind of plants were offered to the public and for what purposes they were bought. The collected data and observations are presented in this paper. The plants found to be sold originated from the cerrado formations, rupestrian and lowlands along water courses, woods and antropic prairies. A glossary is presented of the medical terms used to define the medicinal properties of each plant. A list of the plants found with the vendors is presented of growth, their botanical parts which are used and their medical and popular properties.

INTRODUÇÃO

A flora da região metropolitana de Belo Horizonte apresenta inúmeras plantas com aplicações úteis para o tratamento de várias enfermidades. A natureza, neste campo, foi muito pródiga, oferecendo-nos uma flora variada. Entretanto, na maior parte dos casos clínicos primários, remédios que poderiam estar em nossas mãos, não são usados por desconhecimento de suas propriedades curativas (Silva, 1980).

Gavilanes et al. (1988) mencionam que a medicina popular muito tem contribuído para a seleção de produtos naturais medicamentosos. No entanto, por ser um conhecimento empírico, ela incorre em erros e necessita da luz esclarecedora do aprimoramento científico.

Várias plantas medicamentosas que vêm sendo utilizadas popularmente, desde longa data, correm o risco de se perderem pela destruição sistemática a que vem sendo submetida a flora. Nas últimas décadas, as fontes de germoplasma em formações como Cerrado e Mata têm diminuindo gradativamente. Algumas destas espécies apresentam-se listadas entre as plantas do 1º e 2º elencos, sendo consideradas pela Central de Medicamentos – CEME como produtoras de substâncias medicamentosas reais. Elas são encontradas na cobertura vegetal da região metropolitana de Belo Horizonte, e freqüentes nas formações Cerrado, Campo Rupestre, Campo de Várzea, Mata e naquelas antrópicas.

Algumas espécies escolhidas pela CEME são também

consideradas medicamentosas por diversos autores, a saber: Ferreira (1980), Brandão (1991) e Gavilanes et al. (1988), mas carecem de dados agrônomicos. Por sua vez, várias destas plantas possuem propriedades medicamentosas de conhecimento público, conforme atestam trabalhos de Corrêa (1984), Costa (1942), Decker (1936), Ducke (1935), Cruz (1979), Fonseca (1940), Garcia Barriga (1974/75), Handro (1971a), Hoehne (1920), Hoehne (1939), Luz (1933), Machado (1947), Moreira Filho (1958), Mors (1966), Morton (1965), Murad (1968), Oliveira (1947), Pereira (1929), Rey (1931), Silva (1939, 1980), Silva (1980), Hertwig (1991), Rizzini (1976).

É muito importante que seja dada especial importância ao conhecimento exato das propriedades das plantas a serem utilizadas como medicamentosas, porque os princípios ativos concentram-se especialmente em determinados órgãos delas. É que ocorrem espécies tóxicas dentro da flora, o que pode tornar-se perigoso para quem as utilizar inadequadamente (Silva, 1939, 1980 e Hoehne, 1920, 1939).

MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização deste trabalho, foi feito levantamento no Mercado Municipal de Belo Horizonte, em barracas de feiras e com vendedores ambulantes de ervas.

As partes comercializáveis das plantas medicamentosas são raízes, rizomas, cascas, folhas, flores, inflorescências, frutos, sementes e óleos. Outra forma de comercialização são

¹ Aceito para publicação em outubro de 1991.

as garrafadas: mistura de várias plantas, tendo como veículo a cachaça. Segundo Gavilanes et al. (1988), o emprego da cachaça como veículo da droga é raro em casos de doenças mais graves. O uso das drogas em cachaça geralmente é feito com o intuito de mascarar ou melhorar o gosto da mistura que serve mais como aperiente do que como droga medicamentosa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fêz-se uma listagem das plantas medicamentosas coletadas e seus dados foram anotados. Verificou-se que os gêneros mais utilizados da cobertura vegetal da região metropolitana de Belo Horizonte são os seguintes:

● Cerrado

Anacardium, Schinus, Annona, Xylopia, Aristolochia, Cabralea, Stryphnodendron, Mikania, Heliotropium, Oxypetalum, Anemopaegma, Arrabidaea, Jacaranda, Memora, Tabebuia, Cordia, Caryocar, Couepia, Cochlospermum, Terminalia, Baccharis, Eupatorium, Trixis, Lychnophora, Vernonia, Davilla, Erythroxylum, Croton, Casearia, Kielmeyera, Hyptis, Acosmium, Andira, Bowdichia, Copaifera, Dimorphandra, Luehea, Enterolobium, Hymenaea, Periantra, Pterodon, Cuphea, Rhynchosia, Smilax, Byrsonima, Brosimum, Compomanesia, Psidium, Passiflora, Borreria, Palicourea, Zanthoxylum, Magonia, Guazuma, Helicteres, Styrax, Stachytarpheta, Cissus, Qualea, Zornia, Senna, Ruellia, Andropogon, Virola, Polygala, Crotalaria, Solanum, Hancornia, Achyrocline;

● Campo Rupestre

Baccharis, Stylosanthes, Buddleya, Pterocaulon, Ouratea, Polygala, Mikania, Hyptis, Achyrocline, Eupatorium, Cuphea, Declieuxia, Periantra, Oxalis, Zornia, Lippia, Ruellia, Jacaranda, Oxypetalum, Aspilia, Byrsonima, Vochysia, Pfaffia, Gomphrena;

● Campo de Várzea

Polygonum, Pistia, Calotropis, Hydrocotyle, Hedychium, Asclepias, Echinodorus, Equisetum;

● Campo Antrópico

Eclipta, Buddleya, Spilanthus, Baccharis, Stachys, Cordia, Plantago, Tropaeolum, Phyllanthus, Pluchea, Sonchus, Stachytarpheta, Senecio, Leonotis, Mormodica, Taraxacum, Scoparia, Solidago, Chenopodium, Ageratum, Vernonia, Luffa, Indigofera, Stylosanthes, Pterocaulon, Leucas, Mikania, Lantana;

● Mata

Rubus, Piper, Copaifera, Pothomorphe, Hymenaea, Passiflora, Lafoensia, Xylopia, Solanum, Bauhinia, Adiantum, Luehea, Anchieta, Ocotea, Ottonia.

Na listagem apresentada no Quadro 1, foram agrupados os nomes populares em ordem alfabética, nome científico e nome das famílias a que pertencem essas plantas, formações

de origem, porte, partes utilizáveis e usos medicinais. As plantas listadas foram ainda relacionadas segundo as suas formas de emprego (ver glossário em anexo). Correlacionaram-se as formas de utilização farmacêutica das plantas medicamentosas, sendo mais usadas a tisana, a infusão, a decocção e a maceração.

CONCLUSÕES

Na listagem obtida, verificou-se que, dentre as formações campestres que fazem parte da cobertura vegetal da região metropolitana de Belo Horizonte, o Cerrado apresentou maior número de espécies medicamentosas de uso popular, mostrando-se grande fornecedor de matéria-prima para aqueles que as utilizam e as comercializam, seguido de perto pelas formações antrópicas.

Foram relacionadas as espécies pertencentes a 65 famílias. Compositae foi a família que apresentou maior número de plantas medicamentosas - 21, seguida por Fabaceae, com 13 espécies.

GLOSSÁRIO (Gavilanes et al., 1988).

Adstringente – Contraí os tecidos, os vasos capilares, causando a diminuição das secreções das mucosas. As plantas adstringentes são freqüentemente anti-hemorrágicas e cicatrizantes.

Afrodisíaca – Aumenta a potência e o desejo sexual. De forma geral, essas plantas têm propriedades tônicas.

Aperiente – Contém princípios que estimulam o apetite e preparam as operações digestivas.

Antidiarréica – Combate a diarreia devido à ação adstringente, adsorvente, desinfetante ou moderadora do trânsito intestinal.

Anti-hemorroidal – Promove a vasoconstricção local, devido à ação adstringente e desinfetante de suas substâncias.

Anti-séptico – Destroi os germes ou inibe o seu desenvolvimento.

Béquico – Acalma a tosse e as irritações da laringe.

Carminativa – Favorece a expulsão dos gases do tubo digestivo. As plantas carminativas, em geral, são também aromáticas e estimulantes.

Cicatrizante ou Vulnerária – Contribui para a cicatrização das feridas, bem como é eficaz no tratamento de contusões.

Colagoga – Contraí a vesícula biliar, estimulando a evacuação da bflis do canal colédoco para o intestino.

Diaforética ou Sudorífera – Estimula a transpiração.

Diurética – Favorece a depuração do sangue, eliminando as toxinas. Alguns diuréticos aumentam a excreção dos cloretos – sendo úteis em casos de edemas, e a excreção da uréia etc.

QUADRO 1 – Listagem das Plantas Medicamentosas Coletadas e Comercializadas na Região Metropolitana de Belo Horizonte

Nome Popular	Nome Científico	Família	Formação de Origem	Porte	Partes da Planta e Usos (Continua)
Acaríçoba	<i>Hydrocotyle umbellata</i> L.	Umbelliferae	CV	ER	Raízes – aperiente (tisana, infusão e decocção – uso interno)
Açoita-cavalo	<i>Luehea divaricata</i> Mart.	Tiliaceae	CE/MT	AR	Casca – antiarréfrica (uso interno); adstringente (uso externo)
Açoita-cavalo	<i>Luehea paniculata</i> Mart.	Tiliaceae	CE/MT	AR	Casca – adstringente (uso externo)
Açoita-cavalo	<i>Luehea rufescens</i> St. Hil.	Tiliaceae	CE/MT	AR	Casca – antiarréfrica (uso interno); adstringente (uso externo)
Alcaçuz-da-terra	<i>Periandra mediterranea</i> (Vell.) Taub.	Fabaceae	CE/CR	AR	Folha/raiz – expectorante; calmante (uso interno)
Alecrim-do-campo	<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Compositae	CE/CR	AB	Toda a planta – em bronquite (decocção)
Alface-d'água	<i>Pistia stratioides</i> L.	Araceae	CV	ER	Toda a planta – diurético (tisana, infusão e decocção – uso interno)
Alfafa-do-campo	<i>Stylosanthes guianensis</i> (Aubl.) Sw.	Fabaceae	CR/CA	SA	Folha – moléstias da pele, erupções seguidas de coceiras (infusão e decocção – uso externo)
Alfafa-do-campo	<i>Stylosanthes graciles</i> H.B.K.	Fabaceae	CR	SA	Folha – moléstia da pele e erupções seguidas de coceiras (infusão e decocção – uso externo)
Alfafa-do-campo	<i>Stylosanthes scabra</i> Vog.	Fabaceae	CR	SA	Folha – moléstias da pele e erupções seguidas de coceiras (infusão e decocção – uso externo)
Algodão-bravo	<i>Cochlospermum regium</i> (Mart. et Sch.) Pilg.	Cochlospermaceae	CE	AB	Casca em combate ao piolho (infusão – uso externo); purgativo (infusão – uso interno)
Algodão-de-seda	<i>Calotropis procera</i> (Ait.) R.Br.	Asclepiadaceae	CV	SA	Leite – tônico; anti-helmíntico (doses mínimas em infusão – uso interno)
Amarelinha	<i>Memora glaberrima</i> K. Schum.	Bignoniaceae	CE	AB	Casca – adstringente (limpeza de úlceras e feridas sob a forma de infusão – uso externo)
Amora-do-mato	<i>Rubus rosifolius</i> Smith.	Rosaceae	MT	TR	Folha/fruto verde – adstringente (infusão e decocção – uso interno)

Nome Popular	Nome Científico	Família	Formação de Origem	Porte	Partes da Planta e Usos (Continua)
Amora-preta	<i>Rubus brasiliensis</i> Mart.	Rosaceae	MT	TR	Folha/fruto verde – adstringente (infusão, decocção – uso interno)
Anleira	<i>Indigofera suffruticosa</i> Muell.	Fabaceae	CA	AB	Folha – eupético, purgativo (tisana, infusão e decocção – uso interno)
Apeta-ruão	<i>Piper arboreum</i> Aubl.	Piperaceae	MT	AB	Inflorescência em dores de garganta e afecções brônquicas; antidiarrético, diurético, calmante (tisana, infusão e decocção – uso interno)
Araticum-miúdo	<i>Annona pygmeia</i> Warn.	Annonaceae	CE	AR	Semente – Antidiarrético (infusão – uso interno)
Araçã	<i>Psidium bergianum</i> Burret.	Myrtaceae	CE	AB	Folha – adstringente, antidiarrético (infusão e decocção – uso interno)
Arnica	<i>Lychmophora ericoides</i> Mart.	Compositae	CR	ER	Fior – estimulante; folha – cicatrizante de úlceras purulentas; raiz – antifebril, em reumatismo e gota (infusão – uso interno)
Aroerinha	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Anacardiaceae	CE	AB	Folha – anti-hemorragico (infusão – uso interno)
Assanhada	<i>Trixis verbascifolium</i> Less.	Compositae	CE	ER	Folha – anti-febril (infusão – uso interno)
Assa-peixe	<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	Compositae	CA	AB	Folha – diurético (tisana, infusão e decocção – uso interno)
Avenca	<i>Adiantum cuneatum</i> L.	Polypodiaceae	MT	ER	Folha – em asma e bronquites (infusão – uso interno)
Basbasco	<i>Buddleia brasiliensis</i> Jacq. ex Spreng.	Lobeliaceae	CR/CA	AB	Folha – emoliente (decocção ou macerada – uso externo)
Barbasco	<i>Pteurocaulon alopecurioides</i> (Lam.) DC.	Compositae	CR/CA	SA	Folha – diurético (tisana, infusão e decocção – uso interno)
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Mimosaceae	CE	AR	Casca – anti-séptico (decocção – uso externo)
Benjoeiro	<i>Styrax ferrugineus</i> Nees et Mart.	Styracaceae	CE	AR	Resina – anti-séptico (decocção – uso externo)
Benjoim-do-campo	<i>Styrax camporum</i> Pohl.	Styracaceae	CE/CR	AR	Resina – anti-séptico (decocção – uso externo)

Nome Popular	Nome Científico	Família	Formação de Origem	Parte	Partes da Planta e Usos (Continua)
Borboleta	<i>Arrabidaea brachypoda</i> (DC.) Bur.	Bignoniaceae	CE	AB	Toda a planta – repelente para insetos (uso externo)
Borragem	<i>Cordia verbenacea</i> DC.	Boraginaceae	CE/CA	AB	Folha – anti-febriil e aromático (infusão – uso interno); emoliente (macerada – uso externo)
Bucha	<i>Luffa cylindrica</i> Roem.	Cucurbitaceae	CA	TR	Semente – purgativo (tisana, infusão e decoção – uso interno)
Biculba	<i>Virola sebifera</i> Aubl.	Myristicaceae	CE	AR	Fruto – anti-hemorroidal (em compressas – uso externo); semente – resolutive em tumores (uso externo)
Caapeba	<i>Pothomorphe peltata</i> (L.) Miq.	Piperaceae	MT	AB	Folha/raiz – estimulante digestivo e em insuficiências hepáticas (infusão – uso interno)
Cabelo-de-negro	<i>Erythroxylum campestre</i> St. Hil.	Erythroxylaceae	CE/CR	AB	Raiz – adstringente e anti-diarréico (infusão e decoção – uso interno)
Cabelo-de-negro	<i>Erythroxylum decídium</i> St. Hil.	Erythroxylaceae	CR	AR	Raiz – adstringente e anti-diarréico (infusão e decoção – uso interno)
Cabeça-de-negro	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	Annonaceae	CE	AB	Semente – adstringente e anti-diarréico (infusão e decoção – uso interno)
Caju-do-campo	<i>Anacardium humile</i> St. Hil.	Anacardiaceae	CE/CR	SA	Folha/casca – adstringente e anti-diarréica peitoral (infusão e decoção – uso interno)
Camará-de-espinho	<i>Lantana camara</i> L.	Verbenaceae	CA	AB	Toda a planta – diurética (tisana, infusão e decoção – uso interno)
Campinha	<i>Ruellia geminiflora</i> H.B.K.	Acanthaceae	CE/CA	SA	Folha – adstringente (para limpeza de úlceras e feridas – infusão – uso externo)
Canela-sassafrás	<i>Ocotea sassafras</i> Mez.	Lauraceae	MT	AR	Raiz/caule – aromático e sudorífero (infusão – uso interno)
Cangalheira	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	Caesalpinaceae	CE	AR	Folha/flor – diurético e anti-reumático (infusão – uso interno)
Canjerana-do-campo	<i>Cabralea polythrica</i> Juss.	Meliaceae	CE	AR	Fruto – causador de contrações uterinas (infusão – uso interno)
				AR	Casca – tônico e antifebriil (infusão – uso interno)

Nome Popular	Nome Científico	Família	Formação de Origem	Porte	Partes da Planta e Usos (Continua)
Capitão-do-campo	<i>Terminalia jagifolia</i> Mart. et Zucc.	Combretaceae	CE	AR	Casca – em tumores como resolutivo (decoção – uso externo) Semente – óleo-éduo
Caroba-do-campo	<i>Jacaranda caroba</i> (Vell.) DC.	Bignoniaceae	CE/CR	AR	Casca – antidiarrético (infusão – uso interno) Folha – anti-sifilítico (infusão – uso interno)
Carolina	<i>Memora glaberrima</i> K. Schum.	Bignoniaceae	CE	AB	Córtex – adstringente (em feridas e úlceras – uso externo)
Carqueja	<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Compositae	CE/CA	AB	Folhas – em bronquites (infusão – uso interno)
Carqueja	<i>Baccharis trimera</i> DC.	Compositae	CE/CR/CA	ER	Toda a planta – estimulante dos rins, fígado, estômago e intestino (decoção – uso interno)
Catuaba	<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Steff.	Bignoniaceae	CE	SA	Raiz – afrodisíaco e tônico (tisana, infusão e decoção – uso interno)
Cavalinha	<i>Equisetum arvense</i> L.	Equisetaceae	CV	AB	Folhas – em dores de garganta, antifebri (infusão – uso interno); anti-hemorroidal e cicatrizante (uso externo)
Cipó-guaco	<i>Mikania hirsutissima</i> DC.	Compositae	CA	TR	Folha – diurético (tisana, infusão e decoção – uso interno)
Cipó-de-leite	<i>Oxypetalum banksii</i> R. et Sch.	Asclepiadaceae	CE/CR	TR	Raiz – emético (infusão – uso interno) Látex – blenorragia e leucorréia (uso externo)
Cipó-suma	<i>Anchietea salutaris</i> St. Hil.	Violaceae	MT	TR	Raiz – depurativo (infusão – uso interno); em moléstias da pele (uso externo)
Chagas	<i>Trapaolium majus</i> L.	Trapaeolaceae	CA	ER	Folha/flor – anti-séptico (infusão e decoção – uso externo)
Chapéu-de-couro	<i>Echinodorus paniculatus</i> Michel et Corona	Alismataceae	CV	AB	Folha – depurativo, tônico, diurético (infusão – uso interno)
Conta-de-cobra	<i>Dorstenia asaroides</i> Gardn.	Moraceae	CE	SA	Rizoma – emético e purgativo (infusão – uso interno)
Copalba	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Caesalpinaceae	CE/MT	AR	Óleo – em resfriados (infusão – uso interno) e dermatoses (uso externo)

Nome Popular	Nome Científico	Família	Formação de Origem	Porte	Partes da Planta e Usos (Continua)
Cordão-de-frade	<i>Leonotis nepetaefolia</i> (L.) R.Br.	Labiatae	CA	SA	Toda a planta – diaforética (tisana, infusão e decocção – uso interno)
Corticeira	<i>Enterolobium ellipticum</i> Benth.	Fabaceae	CE	AR	Fruto – limpeza de úlceras e dermatoses (uso externo em pinceladas)
Crista-de-galo	<i>Heliotropium indicum</i> L.	Boraginaceae	CE	SA	Folha – emoliente (decocção ou macerada – uso externo)
Dourada	<i>Ouratea spectabilis</i> (Mart.) Engl.	Ochnaceae	CR	AB	Casca – adstringente, tônico (infusão e decocção – uso interno)
Dente-de-leão	<i>Taraxacum officinale</i> Weber.	Compositae	CA	ER	Toda a planta – febrífuga (tisana, infusão – uso interno)
Erva-balão	<i>Eclipta alba</i> L.	Compositae	CA	ER	Folha – adstringente (infusão e decocção – uso interno)
Erva-de-bicho	<i>Polygonum acre</i> H.B.K.	Polygonaceae	CV	ER	Folha – anti-hemorroidal (compressas – uso externo)
Erva-de-bicho	<i>Polygonum acuminatum</i> K.B.K.	Polygonaceae	CV	ER	Folha – anti-hemorroidal (compressas – uso externo)
Erva-de-bicho	<i>Polygonum hidropiperoides</i> Mich.	Polygonaceae	CV	ER	Folha – anti-hemorroidal (compressas – uso externo)
Erva-de-bicho	<i>Polygonum persicaria</i> L.	Polygonaceae	CV	ER	Folha – anti-hemorroidal (em compressa – uso externo)
Erva-de-santa-maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	CA	ER	Toda a planta – vermífugo, tônico, sedativo (infusão e decocção – uso interno)
Erva-lanceta	<i>Senecio brasiliensis</i> Less.	Compositae	CA	SA	Folha – revulsivo (folhas maceradas ou suco – uso externo)
Falsa-espelina	<i>Clitoria guianensis</i> (Aubl.)	Fabaceae	CE	SA	Raiz – diurético (tisana, infusão e decocção – uso interno); Semente – purgativo (tisana, infusão e decocção – uso interno)

Nome Popular	Nome Científico	Família	Formação de Origem	Porte	Partes da Planta e Usos (Continua)
Favinha	<i>Rhynchosia minima</i> DC.	Fabaceae	CE	AB	Toda a planta – peitoral (infusão – uso interno)
Fedegoso-do-campo	<i>Senna rugosa</i> (G. Don.) Irwin et Barnaby	Caesalpinaceae	CE	AB	Folha – diurético (infusão – uso interno)
Gabirola	<i>Campomanesia coerulea</i> Berg.	Myrtaceae	CE	AB	Folha – anti-reumático (maceradas – uso externo); raiz – colagogo (infusão e decocção – uso interno)
Gabirola	<i>Campomanesia cambessedeanana</i> Berg.	Myrtaceae	CE	AB	Folha – anti-reumático (macerada – uso externo) Raiz – colagoga (infusão e decocção – uso interno)
Gabirola	<i>Campomanesia pubescens</i> (DC.) Cogn.	Myrtaceae	CR	AB	Fruto – colagogo (infusão – uso interno)
Gabirola	<i>Campomanesia salvifolia</i> Berg.	Myrtaceae	CE	AB	Folha – anti-reumática (macerada – uso externo) Raiz – colagoga (infusão – uso interno)
Geio	<i>Polygala angulata</i> DC.	Polygalaceae	CE/CR	ER	Raiz – revulsivo (macerada – uso externo)
Geio	<i>Polygala timoutou</i> Aubl.	Polygalaceae	CR	ER	Raiz – revulsivo (macerada – uso externo)
Gervão	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (L.C. Rich.) Valh.	Verbenaceae	CE/CA	ER	Toda a planta – colagoga e febrífuga (infusão – uso interno)
Goiaba-do-campo	<i>Psidium firmum</i> Berg.	Myrtaceae	CE	AB	Folha – adstringente e anti-diarréica (infusão e decocção – uso interno)
Goiaba-do-campo	<i>Psidium incanescens</i> Mart.	Myrtaceae	CE	AB	Folha – adstringente e anti-diarréica (infusão e decocção – uso interno)
Guaco	<i>Mikania sessifolia</i> DC.	Compositae	CR	TR	Folha – diurética (tisana, infusão e decocção – uso interno)
Guaçatonga	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Flacourtiaceae	CE	AR	Toda a planta – anti-séptica (decocção – uso externo); anti-febri (infusão – uso interno)
Guizeiro	<i>Crotalaria anagyroides</i> H.B.K.	Fabaceae	CE	AB	Folha – emoliente (macerada ou decocção – uso externo)
Hortelã-do-campo	<i>Hyptis cana</i> Pohl. ex Benth.	Labiatae	CE/CR	AB	Toda a planta – béquica (infusão – uso interno)
Hortelã-do-campo	<i>Hyptis marruboides</i> Epling.	Labiatae	CR	AB	Toda a planta – béquica (infusão – uso interno)
Hortelã-do-campo	<i>Hyptis martinicensis</i> R. Br.	Labiatae	CA	AB	Folha – afrodisíaca e tónica (tisana, infusão e decocção – uso interno)

Nome Popular	Nome Científico	Família	Formação de Origem	Parte	Partes da Planta e Usos (Continua)
Hortelã-do-campo	<i>Hyptis suaveolens</i> Poit.	Labiatae	CE	AB	Folha – béquico (infusão – uso interno)
Ipê-amarelo	<i>Tabebuia ochracea</i> Cham.	Bignoniaceae	CE	AR	Casca – diurético (infusão – uso interno)
Jaborandi-do-mato	<i>Ottonia anisum</i> Spreng.	Piperaceae	MT	AR	Raiz – diurético e diaforético (infusão – uso interno)
Jalapa	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Nyctaginaceae	CA	AB	Raiz – emenagoga (tisana, infusão e decocção – doses mínimas, muito tóxica – uso interno)
Jambu	<i>Spilanthes acmella</i> L.	Compositae	CA	AB	Folha – afrodisíaco e tônico (tisana, infusão e decocção – uso interno); em dores de garganta (gargarejos – uso interno)
Japecanga	<i>Smilax cicioides</i> Mart.	Smilacaceae	CE	TR	Raiz – anti-reumática (macerada – uso externo)
Jarrinha	<i>Aristolochia arcuata</i> Mart.	Aristolochiaceae	CE	TR	Raiz – aperiente (infusão e decocção – uso interno)
Jatobá	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart.	Caesalpinaceae	CE	AR	Resina – peitoral, tônica e vermífuga (infusão – uso interno) Casca – cistite e prostatite (infusão – uso interno) Fruto (polpa) – laxativa (tisana, infusão e decocção – uso interno)
Jatobá	<i>Hymenaea stilbocarpa</i> Mart.	Caesalpinaceae	MT	AR	Resina – peitoral, tônica e vermífuga (infusão – uso interno)
Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Solanaceae	CE	AB	Folha – cicatrizante (macerada – uso externo) Raiz – tônico do sistema digestivo (infusão – uso interno) Fruto – descongestionante do fígado (infusão – uso interno)
Laranjeira-do-campo	<i>Styrax camporum</i> Pohl.	Styracaceae	CE	AR	Resina – anti-séptico (decocção – uso externo)
Lfrio-do-brejo	<i>Hedychium coronarium</i> Koern.	Ziniberaceae	CV	ER	Rizoma – afrodisíaco e tônico (tisana, infusão e decocção – uso interno); béquica (infusão – gargarejos)

Nome Popular	Nome Científico	Família	Formação de Origem	Porte	Partes da Planta e Usos (Continua)
Lixeirinha	<i>Davilla elliptica</i> St. Hil.	Dilleniaceae	CE	TR	Toda a planta – em orquites (em banhos)
Macaé	<i>Leonorus sibiricus</i> L.	Labiatae	CA	SA	Folha – febrífugo (tisana e infusão – uso interno)
Macela	<i>Achyrocline capitata</i> DC.	Compositae	CR	SA	Folha – aperiente (infusão e decocção – uso interno)
Macela	<i>Achyrocline satureoides</i> (Lam.) DC.	Compositae	CE/CR/CA	SA	Toda a planta – adstringente (infusão e decocção – uso interno)
Macela-branca	<i>Pterocaulon rugosum</i> (V.) Malme	Compositae	CE	SA	Folha – diurética (infusão – uso interno)
Madressilva	<i>Alstroemeria cuneata</i> L.	Amaryllidaceae	CE	ER	Toda a planta – adstringente (limpeza de úlceras e feridas sob a forma de infusão – uso externo)
Mamica-de-cadela	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trec.	Moraceae	CE	AB	Raiz – em vitiligo (infusão – uso interno)
Mamica-de-porca	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Rutaceae	CE	AR	Folha – emética (infusão – uso interno)
Mangaba	<i>Hancornia speciosa</i> Gomez	Apocynaceae	CE	AB	Casca – dermatoses (decocção – uso externo); estimulante das funções hepáticas (infusão – uso interno)
Maracujá-da-mata	<i>Passiflora speciosa</i> Garder.	Passifloraceae	MT	TR	Folha – calmante (infusão – uso interno)
Maracujá-do-campo	<i>Passiflora clathrata</i> Mart.	Passifloraceae	CE	TR	Folha – calmante (infusão – uso interno)
Mata-barata	<i>Andira humilis</i> Mart.	Fabaceae	CE	SA	Folha – emético (infusão – uso interno)
Mata-pasto	<i>Eupatorium amygalinum</i> Lam.	Compositae	CE/CR	AB	Folha – emoliente (macerada ou decocção – uso externo)
Mata-pasto	<i>Eupatorium squalidum</i> DC.	Compositae	CE/CR	AB	Folha – emoliente (macerada ou decocção – uso externo)
Maria-branca	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	Melastomataceae	CE	AR	Folha – aromática (uso externo)
Melão-de-são-caetano	<i>Mormodica charantia</i> L.	Cucurbitaceae	CA	TR	Toda a planta – febrífuga (tisana e infusão – uso interno)

Nome Popular	Nome Científico	Família	Formação de Origem	Parte	Partes da Planta e Usos (Continua)
Mentrasfo	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Compositae	CA	AB	Toda a planta – carminativa (tisana, infusão e decocção – uso interno)
Mostarda	<i>Brassica nigra</i> L.	Cruciferae	CA	AB	Folha – revulsivo (macerada – uso externo)
Murici	<i>Byrsonima crassa</i> Nied.	Malpighiaceae	CE	SA	Casca – emética e anti-febril (infusão – uso interno) Fruto – diurético (infusão – uso interno)
Murici	<i>Byrsonima intermedia</i> Adr. Juss.	Malpighiaceae	CR	SA	Casca – emética e anti-febril (infusão – uso interno) Fruto – diurético (infusão – uso interno)
Mutamba	<i>Guazuma ulmifolia</i> St. Hil.	Sterculiaceae	CE	AR	Folha – diaforética e purgativa (tisana e infusão – uso interno)
Oiti-do-campo	<i>Couepia grandiflora</i> Mart. et Sch., Pilg.	Chrysobalanaceae	CE	AR	Semente – adstringente (infusão e decocção – uso interno)
Pacari	<i>Lafoensia pacari</i> St. Hil.	Lythraceae	CE/MT	AR	Toda a planta – diaforética (tisana, infusão e decocção – uso interno)
Paina-de-sapo	<i>Asclepias curassavica</i> L.	Asclepiadaceae	CV	SA	Raiz – em bernes (maceradas – uso externo)
Panacéia	<i>Solanum cernuum</i> St. Hil.	Solanaceae	MT	AR	Folha/flores – depurativa, diurético (infusão – uso interno); (limpeza de úlceras e feridas sob a forma de infusão – uso externo)
Pata-de-vaca	<i>Bauhinia forficata</i> Link.	Caesalpinaceae	MT	AR	Folha/raiz – anti-diabética, anti-diurética e anti-diarreica (infusão – uso interno)
Pau-d'olinho	<i>Copaifera oblongifolia</i> Mart.	Caesalpinaceae	CE	AR	Óleo – em cistite e bronquite (infusão – uso interno)
Pau-terra	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	Vochysiaceae	CE	AR	Casca – anti-séptica (decocção – uso externo)
Pau-de-tucano	<i>Vochysia thyrsoidea</i> Pohl.	Vochysiaceae	CE	AR	Casca – anti-séptica (decocção – uso externo)
Pau-santinho	<i>Kielmeyera variabilis</i> Mart.	Guttiferae	CR	AR	Casca – emoliente (macerada ou decocção – uso externo)
Pau-santo	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart.	Guttiferae	CE	AR	Casca – emoliente (macerada ou decocção – uso externo)

Nome Popular	Nome Científico	Família	Formação de Origem	Porte	Partes da Planta e Usos (Continua)
Pequi	<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	Caryocaraceae	CE	AR	Semente – tônica (infusão – uso interno) Fruto (mesocarpo) – em resfriados e gripes (infusão – uso interno)
Perpétua	<i>Gomphrena incana</i> Mart.	Amaranthaceae	CR	ER	Raiz – febrífuga (infusão – uso interno)
Perobinha	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vog.) Yakov.	Caesalpinaceae	CE	SA	Folha – diurética (infusão – uso interno)
Pimenta-de-macaco	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	Annonaceae	CE	AR	Casca – febrífuga (infusão – uso interno) Fruto – carminativo, estimulante (infusão – uso interno); anti-hemorroidal (compressa – uso externo)
Pindaíba	<i>Xylopia brasiliensis</i> St. Hil.	Annonaceae	CE/MT	AR	Fruto – afrodisíaca e tônica (tisana, infusão e decocção – uso interno)
Pinha-mílda	<i>Annona pygmaea</i> Warm.	Annonaceae	CE	SA	Semente – adstringente e antidiarréica (infusão e decocção – uso interno)
Poaia	<i>Borreria poaya</i> (St. Hil.) DC.	Rubiaceae	CE	ER	Raiz – emética (infusão – uso interno)
Poaia	<i>Borreria suaveolens</i> G.F. Meyes	Rubiaceae	CE	ER	Raiz – emética (infusão – doses mínimas, muito tóxica – uso interno)
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus corcovadensis</i> Muell.	Euphorbiaceae	CA	ER	Toda a planta – cálculos renais (tisana, infusão e decocção – uso interno)
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Euphorbiaceae	CA	ER	Toda a planta – em cálculos renais (tisana, infusão e decocção – uso interno)
Quitoco	<i>Pluchea quitoc</i> DC.	Compositae	CA	SA	Toda a planta – carminativa (tisana, infusão e decocção – uso interno)
Roxinha-do-campo	<i>Declieuxia cordigera</i> Mart. et Zucc. ex. Schul. et Schlecht.	Rubiaceae	CR	ER	Folha/raiz – aperiente, antigripal (infusão – uso interno)
Saca-rolha	<i>Helicteris sacarolha</i> St. Hil.	Sterculiaceae	CE	AB	Folha – adstringente, tônica (infusão e decocção – uso interno)
Sempre-vivas	<i>Pfaffia jubata</i> Mart.	Amaranthaceae	CR	ER	Raiz – colítes (infusão – uso interno)
Serralha	<i>Sonchus oleraceus</i> L.	Compositae	CA	ER	Folha – antidiarréica (infusão – uso interno)

Nome Popular	Nome Científico	Família	Formação de Origem	Parte	Partes da Planta e Usos (Continua)
Sete-sangrias	<i>Cuphea ericoides</i> Cham. et Schlecht.	Lythraceae	CE/CR	ER	Toda a planta – diaforética (tisana, infusão e decocção – uso interno)
Sucupira-branca	<i>Pterodon pubescens</i> Benth.	Fabaceae	CE	AR	Semente (óleo) – em infecções da garganta (decoção – gargarejos)
Sucupira-preta	<i>Bowdichia virgilioides</i> H.B.K.	Fabaceae	CE	AR	Casca – diaforética (infusão, tisana e decocção – uso interno) Semente – antigripal, depurativo (infusão – uso interno)
Tanchagem	<i>Plantago major</i> L.	Plantaginaceae	CA	ER	Toda a planta – dores de garganta (decoção – gargarejos) Folha – anti-séptica (infusão e decocção – uso externo) Raiz – afrodisíaca e tônica (infusão e decocção – uso interno)
Tanchagem	<i>Plantago tomentosa</i> Lam.	Plantaginaceae	CA	ER	Toda a planta – dores de garganta (decoção – gargarejos – uso interno) Folha – anti-séptica (infusão e decocção – uso externo) Raiz – afrodisíaca e tônica (infusão e decocção – uso interno)
Tingui-de-árvore	<i>Magonia pubescens</i> St. Hil.	Sapindaceae	CE	AR	Semente – adstringente (limpeza de úlceras e feridas sob a forma de infusão – uso externo)
Trevo-peludo	<i>Oxalis hirsutissima</i> Mart. et Zucc.	Oxalidaceae	CR	ER	Toda a planta – anti-séptica (infusão e decocção – uso externo)
Urinária	<i>Zornia curvata</i> Mohlemb.	Fabaceae	CR	ER	Toda a planta – diurética (infusão – uso interno)
Urinária	<i>Zornia latifolia</i> Sw.	Fabaceae	CE/CR	ER	Toda a planta – diurética (infusão – uso interno)
Uva-do-campo	<i>Cissus Duarteana</i> Camb.	Vitaceae	CE	TR	Sumo – verrugas (pinceladas – uso externo)
Velame	<i>Croton campestris</i> St. Hil.	Euphorbiaceae	CE/CR	SA	Folha – cicatrizante (macerada – uso externo)
Velame	<i>Croton lundianus</i> (F. Dieder.) Muell.	Euphorbiaceae	CR	SA	Toda a planta – adstringente (infusão e decocção – uso interno)

Nome Popular	Vassoura-doce	Nome Científico	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Família	Scrophulariaceae	Formação de Origem	CA	Porte	ER	Partes da Planta e Usos (Conclusão)	Toda a planta – febrífuga (infusão e decoção – uso interno)
--------------	---------------	-----------------	---------------------------	---------	------------------	--------------------	----	-------	----	-------------------------------------	---

NOTA: **Formações:** CE = Cerrado; CR = Campo Rupestre; CV = Campo de Várzea; CA = Campo Antrópico; MT = Mata
Porte: AR = Arbóreo; AB = Arbustivo; SA = Subarbutivo; ER = Herbáceo; TR = Trepadeira.

Emenagogo – Facilita ou aumenta o fluxo menstrual.

Emoliente – Exerce um efeito calmante sobre as mucosas e pele que se encontram inflamadas.

Expectorante – Facilita a expulsão das secreções brônquicas e faríngeas.

Febrífuga – Combate a febre.

Hepático – Auxilia as funções digestivas do fígado e da vesícula biliar, especialmente a secreção e evacuação da biliar.

Laxativo – Facilita a evacuação, quer aumentando o volume das fezes, quer estimulando o movimento peristáltico do intestino.

Resolutivo – Facilita a resolução das tumefações e inflamações, auxiliando a volta dos tecidos às suas funções normais.

Revulsiva – Em uso externo, provoca o afluxo sanguíneo no local. Em uso interno, auxilia no descongestionamento dos órgãos.

Tônica – Exerce uma ação fortificante e estimulante sobre o organismo.

Vermífugo – Expulsa os vermes do intestino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, M. Plantas medicamentosas do cerrado mineiro. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.15, n.168, p.15-20, 1991.
- CORRÊA, M.P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: IBDF, 1984. v.5.
- COSTA, O. de A. Estudo farmacológico da unha-de-vaca – *Bauhinia forficata* Link. **Revista Flora Medicinal**, Rio de Janeiro, v.9, n.4, p.15-20, abr. 1942.
- CRUZ, G.L. **Dicionário das plantas úteis do Brasil**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1979. 599p.
- DECKER, J.A. **Aspectos biológicos da flora brasileira**. Porto Alegre: Casa Ed. Rotemund, 1936. 640p.
- DUCKE, A. As espécies brasileiras de jatay, jatay ou jatobá (*Hymenaea* L.) **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v.7, n.3, p.203-211, 1935.
- FERREIRA, M.B. Plantas portadoras de substâncias medicamentosas, de uso popular nos cerrados de Minas Gerais. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.6, n.61, p.19-23, jan. 1980.
- FONSECA, E.T. Plantas medicinais brasileiras. **Revista Flora Medicinal**, Rio de Janeiro, v.6, n.4, p.221-236, jan. 1940.
- GARCIA BARRIGA, H. **Flora medicinal de Colombia botânica médica**. Bogotá: Universidad Nacional / Instituto de Ciencias Naturales, 1974/75. 3v.
- GAVILANES, M.L.; CARDOSO, C.; BRANDÃO, M. Plantas daninhas como medicamentosas de uso popular. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.13, n.150, p. 21-29, 1988.
- HANDRO, W.; BARRADAS, M.M. Sobre os óleos do fruto e da semente de piqui – *Caryocar brasiliense* Camb. (Caryocaraceae). In: FERRI, M.G. [Coord.]. **III Simpósio sobre o cerrado**. São Paulo: Edgard Blücher, 1971. p. 110-113.
- HERTWIG, I.F. von. **Plantas aromáticas e medicinais: plantio, colheita, secagem, comercialização**. 2.ed. São Paulo: Icone, 1991. 414p. (Coleção Brasil Agrícola).

Daphne, Belo Horizonte, v.2, n.2, p.39-53, jan. 1992

- HOEHNE, F.C. **Plantas e substâncias tóxicas e medicinais**. São Paulo: Graphicar, 1939. 359p.
- HOEHNE, F.C. **Vegetais anti-helmínticos**. São Paulo: Weiszflor, 1920. 231p.
- JACCOUD, R.J.S. Contribuição do estudo formacognóstico de *Ageratum conyzoides* L. **Revista Brasileira de Farmácia**, v.42, n.11/12, p.117-197, nov./dez, 1961.
- LUZ, H. Erva-de-santa-maria e sua essência. **Medicamento**, Rio de Janeiro, v.12, n.126, p.46-48, 1933.
- MACHADO, O.O. *Polygonum acre* HBK no tratamento das retites amebianas. **Brasil Médico**, v.61, n.14/15, p.164, 1947.
- MOREIRA FILHO, H. Contribuição ao estudo de *Leonurus sibiricus* L. (erva-macaé). **Tribuna Farmacêutica**, v.26, n.2, p.21-28, 1958.
- MORS, W.B.; PELLEGRINO, J.; SANTOS FILHO, M.F. dos. Ação profilática do óleo dos frutos de sucupira-branca, *Petrodon pubescens* Benth. contra a infecção pelo *Schistosoma mansoni*. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, v.38, p.325-330, 1966. Suplemento especial.
- MORTON, J.F. El cundeamor (*Mormodica charantia* L.). **Revista de La Facultad de Farmacia**, Caracas, v.14, ene./mar. 1965.
- MURAD, J.E. et al. Propriedades farmacológicas de uma planta do cerrado, *Dimorphandra mollis* Benth. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.20, n.2, p.309, 1968.
- OLIVEIRA, E. Contribuição ao estudo da jurubeba. **Revista de Química e Farmácia**, Rio de Janeiro, v.12, n.11, p.9-47, nov. 1947.
- PEREIRA, J.R. Sobre o princípio ativo de *Phyllanthus corcovadensis* (quebra-pedra). **Anais Paulista de Medicina e Cirurgia**, v.20, n.1/2, p.9-12, 1929.
- REY, F.P. *Phucea quitoc* DC. estudio anatomico histologico y fitoquímico. Buenos Aires: [s.n.], 1931. 36p. Tese Mestrado.
- RIZZINI, C.T.; MORS, W.B. **Botânica econômica brasileira**. São Paulo: USP, 1976. 207p.
- SILVA, M.R.; SANTIAGO, O. Ensaio sobre a toxidez e propriedade farmacológica de *Asclepias curassavica* L. **Revista da Sociedade Farmacêutica**, São Paulo, v.5, n.4, p.129-145, 1939.
- SILVA, P.F.C. Plantas medicinais: indicações terapêuticas por espécie. In: GRANDE manual globo de agricultura, pecuária e receituário industrial. 4.ed. Porto Alegre: Globo, 1980. v.7. p.183-200.

FRUTOS BRASILEIROS COMERCIALIZADOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE, MG

JOÃO FARIA MACEDO

SUMÁRIO: Este trabalho apresenta uma relação das espécies produtoras de frutos edúlos nativos que são comercializadas na região metropolitana de Belo Horizonte. São descritas, sucintamente, suas características, local de ocorrência, época de produção e forma de utilização.

Palavras-chave: Frutos edúlos, espécies nativas, Minas Gerais.

SUMMARY: Native wild species of plants producing edible fruits from the Cerrados (savannahs), and dry forests of Minas Gerais are here reported preliminarily. Short descriptions of the plants, where they do occur, seasons of fructifications and how the fruits are used are also mentioned. Those fruits are sold seasonably in the capital of the state.

Key-words: Edible fruits, wild species, Minas Gerais.

INTRODUÇÃO

Na diversificada flora nacional, existem plantas que produzem frutos com alto valor nutritivo. Contudo, estas fruteiras não são colocadas ao lado das exóticas já aprimoradas em suas qualidades e, por isso, largamente cultivadas. Neste trabalho, não se teve por objetivos, estabelecer comparações e muito menos contradizer o valor dessas plantas exóticas, mas sim demonstrar que existem espécies que poderão ser mais utilizadas, uma vez que seus frutos já são encontrados, esporadicamente, em nossos mercados.

Hoehne (1946), ao enumerar as principais espécies de frutos edúlos, enfatizou a importância das frutas na alimentação e a necessidade de domesticar aquelas espécies indígenas brasileiras, como forma de ampliar o cabedal frutífero, com material genético oriundo do nosso próprio país. Além disso, muitas dessas frutíferas apresentam outros potenciais.

Heringer (1958) já mencionava o pequi como uma árvore útil do Cerrado mineiro.

Segundo Guarin Neto (1987), as sementes de Pitomba seriam utilizadas na medicina popular contra a desidratação, a

¹ Aceito para publicação em outubro de 1991.

diarréia e como adstringente, e o látex da mangaba no combate a câimbras e a problemas cardíacos.

Gavilanes; Brandão (1991), ao apresentarem a listagem das plantas coletadas na Reserva do Poço Bonito, Lavras, MG, e suas potencialidades, atribuíram ao pequi as seguintes aptidões: apícola, comestível, forrageira, madeireira, medicinal e ornamental; à gabiroba: apícola, comestível, forrageira e ornamental; ao cajuzinho: apícola, comestível e medicinal.

METODOLOGIA

Foram realizadas visitas às feiras, ao Mercado Municipal de Belo Horizonte e aos vendedores ambulantes nas ruas da capital durante as diferentes épocas do ano, o que veio possibilitar a elaboração da listagem das espécies.

Consultou-se a literatura pertinente, a saber: Corrêa (1984), Heringer; Ferreira (1975), Ferreira (1975, 1980) e Macedo (1991), de onde foram extraídos os dados sobre as plantas encontradas, aos quais adicionaram-se aqueles adquiridos através de observações de campo e no herbário PAMG/EPAMIG.

RESULTADOS

• Descrição das Espécies

Araticum – *Annona crassiflora* Mart. – Annonaceae

Árvore mediana, com até 10m de altura, de casca grossa; folhas simples, alternas; flores verde-amareladas, brancas interiormente; fruto coniforme, ferrugíneo, até 18cm de diâmetro longitudinal, polpa comestível, de cheiro agradável. Pode ser consumido em estado natural ou sob a forma de refresco, doces, licores.

É natural nos Cerrados de Minas Gerais, São Paulo, Bahia e na região Centro-oeste. Frutifica de dezembro a fevereiro.

Cagaita – *Eugenia dysenterica* DC. – Myrtaceae

Árvore mediana, de tronco e ramos tortuosos, casca grossa; folhas opostas; flores brancas, vistosas, fruto globoso, amarelo-claro, sucoso, de sabor agradável, levemente ácido, podendo ser consumido ao natural ou sob a forma de geléias, compotas, licores, vinagre e álcool.

Ocorre na formação Cerrado em Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Bahia, frutificando de outubro a novembro.

Cajuzinho – *Anacardium humile* St. Hil. – Anacardiaceae

Arbusto subterrâneo, porte quase rasteiro; folhas ovado-lanceoladas, simples, róseas quando novas; flores brancas, rosadas ou amareladas, com estrias roxas na base, dispostas em panícula; fruto drupóide, oferecendo castanha oleaginosa, comestível; o pedúnculo carnoso (pseudofruto) é também comestível, ácido, podendo ser consumido ao natural ou sob a forma de suco, doce e compota.

É ocorrente nos Campos Cerrados e Campos Limpos de Minas Gerais, São Paulo e região Centro-oeste. Frutifica de janeiro a março.

Gabiroba – *Campomanesia corymbosa* Berg. – Myrtaceae

Arbusto de até 1m de altura, formando moitas; ramos amarelados; folhas simples, opostas, oblongas; flores brancas em pedúnculos axilares; fruto amarelo, aromático, comestível, de sabor agradável, podendo ser consumido ao natural ou sob a forma de sucos.

É natural nos Campos Cerrados de Minas Gerais. Frutifica de dezembro a janeiro.

Jenipapo – *Genipa americana* L. – Rubiaceae

Árvore alta, de caule reto, atingindo até 15m de altura por 60cm de diâmetro; copa grande, ramos numerosos ascendentes, os inferiores às vezes horizontais ou pêndulos, casca lisa; folhas opostas, com 10 a 35cm de comprimento, inteiras; flores hermafroditas brancas ou amarelas, suavemente aromáticas; fruto bacáceo, subgloboso com 8 a 10cm de comprimento por 6 a 7cm de diâmetro, casca mole, rugosa, parda-centa ou castanho-ferrugínea, contendo polpa aromática, vinosa, mole, ácida. Os frutos podem ser consumidos ao natural ou sob a forma de compotas.

Adicionando-se vinho ou limão aos frutos, obtêm-se xarope e uma bebida refrigerante chamada jenipapada. Quando submetidos à fermentação, consegue-se bebida vinosa da qual se faz vinho e licor.

Essa espécie ocorre desde a fronteira com a Guiana até São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, sendo cultivada nos estados do Sul. Frutifica de janeiro a março.

Goiaba – *Psidium guajava* L. – Myrtaceae

Árvore mediana, esgalhada, atingindo até 8m de altura, de casca escamosa e folhas opostas, simples, possuindo flores brancas com estames numerosos. Fruto bacáceo, de aroma forte, polpa abundante, de coloração amarela, branca, rosa ou vermelha, com grande quantidade de sementes. Pode ser consumido ao natural ou sob a forma de compotas, geléias, doce em massa, licores, sendo largamente industrializado.

Ocorre desde o México até São Paulo e Minas Gerais. Frutifica de janeiro a março.

Jabuticaba – *Myrciaria jabuticaba* (Vell.) Berg. – Myrtaceae

Árvore muito ramificada, de ramos delgados e ascendentes, com até 8m de altura, de casca fina e lisa; folhas opostas; flores brancas, pediceladas, dispostas em fascículos no tronco e nos ramos mais velhos; fruto esférico roxo-negro, com 3cm de diâmetro, de polpa branca e doce. É próprio para o consumo ao natural ou sob a forma de suco, geléia e licor. Cultivada em todo o Brasil. Frutifica de novembro a janeiro.

Jatobá – *Hymenaea stilbocarpa* Hayne. – Caesalpinaceae

Árvore de 12 a 20m de altura, ramos glabros; folhas alternas, compostas com folíolos geminados, flores brancas, em racemos curtos; fruto indeiscente, duro, castanho-escuro, tuberculado, brilhante com 8 a 12cm de comprimento, contendo sementes duras, de testa marrom e óssea, recobertas por polpa pulverulenta (parte comestível).

Ocorre nos Cerradões e Matas secas de Minas Gerais, São Paulo e região Centro-oeste. Frutifica de dezembro a abril.

Macaúba – *Acrocomia aculeata* (Mart.) Loddiges – Palmae

Árvore de espique cilíndrico, atingindo até 15m de altura por 45cm de diâmetro; folhas pinadas, crespas, com bainha e nervura recobertas por espinhos; inflorescência pêndula em espádice de 50 a 75cm de comprimento; flores monóicas, suavemente aromáticas, amareladas; fruto globoso, verde-oliva, amarelo ou pardo, de casca dura, polpa amarela, viscosa, envolvendo uma semente que contém uma amêndoa branca e oleaginosa.

A polpa é doce, comestível, mucilagínosa, prestando-se para o preparo de refresco e extração de gordura. O óleo da amêndoa é incolor e substitui o azeite de oliva. As amêndoas podem ser comidas torradas, como o amendoim. Tem largo emprego na indústria de saboaria.

Ocorre desde a América Central até o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Mato Grosso. Frutifica o ano todo.

Mangaba – *Hancornia speciosa* Gomez. – Apocynaceae

Árvore de 3 a 4m de altura, ramos numerosos, folhas opostas, elípticas, glabras, flores brancas, geminadas ou trígemas no ápice dos ramos, pediceladas; cálice com lacínios ovais; fruto de 5cm de diâmetro, de formato ovalado. Pode ser consumido ao natural ou sob a forma de doces, refrigerante, sorvete e vinho.

Ocorre nos campos arenosos, sujeitos a secas, de Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco e estados centrais. Frutifica de dezembro a março.

Maracujá – *Passiflora edulis* L. – Passifloraceae

Trepadeira de caule cilíndrico; folhas alternas, trilobadas, flores solitárias, de sépalas alvas por dentro e verde por fora, com coroa listrada de branco e roxo; fruto globoso, arroxeadado, com 4 a 5cm de diâmetro, polpa amarelada, ácida. Consumido ao natural ou sob a forma de suco.

Ocorre desde a República Dominicana até o Brasil. Frutifica de outubro a janeiro.

Pequi – *Caryocar brasiliense* Camb. – Caryocaraceae

Árvore alta, com galhos longos e tortuosos; folhas compostas, trifolioladas; flores esverdeadas ou brancas, vistosas; fruto drupáceo, com a polpa alaranjada, amêndoa e mesocarpo gordurosos. Depois de cozidos, são consumidos puros ou em mistura com outros alimentos, como arroz, carnes, leite etc. Podem ser utilizados também sob a forma de licor e óleo. O sebo extraído deste fruto produz excelente sabão.

Ocorre nos Cerrados de Minas Gerais, São Paulo e região Centro-oeste. Frutifica de dezembro a fevereiro.

Pitanga – *Eugenia pitanga* Berg. – Myrtaceae

Arbusto de até 2m de altura; folhas opostas, elípticas; flores brancas; fruto anguloso, vermelho, com oito arestas, doce-acidulado, de sabor agradável. Pode ser consumido ao natural ou sob a forma de compotas, geléias, xaropes e sorvetes.

Ocorre de Minas Gerais até o Rio Grande do Sul, em terrenos argilosos e Matas Ciliares, e nas praias dos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro. Frutifica de novembro a março.

Pitomba *Talisia esculenta* Radlk. – Sapindaceae

Árvore regular, com até 12m de altura; folhas compostas, folíolos oblongos; flores pequenas, brancas, dispostas em panículas; fruto drupáceo, globoso, de casca amarelo-acinzentada, duro, com caroço oblongo, recoberto por arilo carnoso, branco, transparente e adocicado. É consumido ao natural ou sob a forma de refresco e sorvete.

Ocorre do Maranhão até São Paulo e Minas Gerais. Frutifica de dezembro a fevereiro.

Seringuela – *Spondias purpurea* L. – Anacardiaceae

Árvore alta, de galhos alongados; folhas compostas, imparipenadas, com quatro a nove pares de folíolos glabros; frutos oblongos, com 5 a 6cm de comprimento por 2 a 2,5cm de diâmetro, de tegumento amarelo ou avermelhado, tendo polpa comestível de sabor agradável. É consumido ao natural, sob a forma de suco e sorvete.

Ocorre do Norte do Brasil até o Rio de Janeiro. Frutifica de dezembro a fevereiro.

Umbu – *Spondias tuberosa* Arr. Cam. – Anacardiaceae

Árvore baixa, de tronco curto, ramos longos, sendo os inferiores horizontais, às vezes pêndulos, chegando a tocar o solo, formando ampla copa arredondada; folhas compostas, imparipenadas, alternas; flores pouco vistosas, brancas, fruto ovóide, carnoso, verde-amarelado, de polpa doce e aromática. Pode ser consumido ao natural ou sob a forma de compota, doce mole (umbuzada), bebida refrigerante ou cachaça.

Ocorre da Bahia até o Rio de Janeiro e no Norte de Minas Gerais. Frutifica de dezembro a fevereiro.

● **Comentários**

Dentre os frutos apresentados, a goiaba possui variedades que são cultivadas comercialmente e a jabuticaba é plantada em todo o Brasil. O caju, que se encontra com frequência nos mercados, pertence a outra espécie cultivada, principalmente no Nordeste do país, sendo o *Anardium humile* St. Hil. nativo de nossos Cerrados.

A macaúba, por ter grande emprego nas fábricas de sabão, já desperta interesse pelo seu cultivo. Porém, dada a sua abundância, a exploração extrativista consegue atender à demanda.

Já existem para o pequi, araticum, mangaba e cagaita algumas tentativas de domesticação. As demais espécies estão aguardando que se reconheçam os seus potenciais como frutos, e que sejam feitos trabalhos de domesticação, o que as trará pra o rol das culturas econômicas.

● **Conclusão**

A relação dos frutos citados não deve ser considerada completa, tendo em vista que sua maioria não é domesticada, e não oferece colheitas em épocas determinadas, portanto aparecem no mercado esporadicamente, já que têm exploração extrativa.

Essas espécies, nativas na flora brasileira, a exemplo das

MACEDO, J. F.

variedades já domesticadas como a goiaba, maracujá e jabuticaba ou introduzidas, como a manga, banana, laranja etc., poderão tornar-se fontes alternativas para a fruticultura nacional, desde que sejam criadas técnicas próprias de cultivo e seja realizado seu melhoramento genético, para que ofereçam frutos de melhor qualidade, em maiores quantidades e por períodos mais prolongados.

É preciso salientar que estas espécies têm sido destruídas nos desmatamentos, como se não tivessem nenhum valor, além da madeira e do carvão que produzem.

Para que se tornem verdadeiramente úteis à população, é necessário que os órgãos governamentais, através de suas instituições de pesquisa, incrementem o estudo dessas plantas e incentivem os fruticultores a fazer seu plantio, enquanto os germoplasmas dessas espécies ainda podem ser conseguidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, M.P. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas*

cultivadas. Rio de Janeiro: IBDF, 1984. 6v.

FERREIRA, M.B. Frutos comestíveis nativos do Distrito Federal – IV. *Cerrado*, Brasília, v.7, n.30, p. 15-21, dez. 1975.

FERREIRA, M.B. Frutos comestíveis nativos do Cerrado de Minas Gerais. *Informe Agropecuário*, Belo Horizonte, v.6, n.61, p.9-18, jan. 1980.

GAVILANES, M.L.; BRANDÃO, M. Flórua da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito Lavra MG: formação cerrado. *Daphne*, Belo Horizonte, v.1, n.4, p.24-31, jul. 1991.

GUARIM NETO, G. *Plantas utilizadas na medicina popular do Estado de Mato Grosso*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia/CNPq, 1987. 58p. (MCT. Relatório de Pesquisa, 2).

HERINGER, E.P. Três árvores úteis do cerrado mineiro. *Boletim de Agricultura*, Belo Horizonte, v.7, n.1/2, p.59-62, jan./fev. 1958.

HERINGER, E.P.; FERREIRA, M.B. Árvores úteis da região geoeconômica do Distrito Federal – dendrologia: o gênero *Hymenaea* – Jatobás, jatals, jutais, etc. *Cerrado*, Brasília, v.7, n.27, p.27-32, mar. 1975.

HOEHNE, F.C. *Frutas indígenas*. São Paulo: Instituto de Botânica, 1946. 88p.

MACEDO, J.F. Plantas corticosas do cerrado e sua utilização. *Informe Agropecuário*, Belo Horizonte, v.5, n.168, p. 33-37, 1991.

INFORMAÇÕES

1. A Revista Daphne aceita, para publicação, trabalhos de Botânica referentes à flora do estado de Minas Gerais, com até 15 laudas, incluindo as ilustrações.
2. Os artigos devem ser apresentados em três vias, datilografados em papel ofício, em espaço duplo, e com a estrutura tradicional de artigo científico: título, sumário, summary, introdução, material e métodos, resultados, discussões e conclusões, agradecimentos e referências bibliográficas.
3. Os nomes dos autores, seus títulos, a instituição a que pertencem, local onde o trabalho foi realizado, bem como o endereço para solicitação de cópias do artigo, devem vir especificados em folhas separadas. Menção a bolsas, auxílios, parte de tese ou outros dados indispensáveis, relativos à produção do trabalho e seus autores, poderão ser citados para inclusão no rodapé.
4. O resumo não deve ultrapassar 300 palavras, nem conter citações bibliográficas. Duas a cinco palavras-chaves (key-words) devem vir após o sumário.
5. As referências e citações bibliográficas devem seguir as normas atuais da ABNT.
6. Os desenhos devem ser feitos com tinta nanquim preta, em papel vegetal, ou a lápis, em papel próprio para desenho, em tamanho maior do que aquele em que deverão ser impressos, para assegurar a nitidez após a redução.
7. Outros detalhes para a apresentação dos originais podem ser requisitados à Comissão Editorial da Revista.

